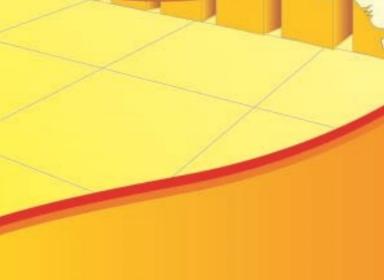
# BOLETIM AGROPECUÁRIO

Outubro/2018 - Nº 65





CEPA

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agricola







#### **Governador do Estado** Eduardo Pinho Moreira

#### Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca Airton Spies

**Presidente da Epagri** Luiz Ademir Hessmann

#### **Diretores**

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda Extensão Rural

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa) Reney Dorow





## **Boletim Agropecuário**

#### Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl Glaucia Padrão Haroldo Tavares Elias João Rogério Alves Jurandi Teodoro Gugel Rogério Goulart Junior Tabajara Marcondes



3



#### Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000 Site: <u>www.epagri.sc.gov.br</u> E-mail: <u>epagri@epagri.sc.gov.br</u>

#### Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi 88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <a href="http://cepa.epagri.sc.gov.br/">http://cepa.epagri.sc.gov.br/</a> E-mail: <a href="mailto:online@epagri.sc.gov.br">online@epagri.sc.gov.br</a>

#### Coordenação

Tabajara Marcondes - Epagri/Cepa

#### Elaboração

Alexandre Luís Giehl — Epagri/Cepa Glaucia Padrão — Epagri/Cepa João Rogério Alves — Epagri/Cepa Haroldo Tavares Elias — Epagri/Cepa Jurandi Teodoro Gugel — Epagri/Cepa Luis Augusto Araujo — Epagri/Cepa Rogério Goulart Junior — Epagri/Cepa Tabajara Marcondes — Epagri/Cepa

#### Colaboração:

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)
Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa
Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)
Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)
Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)
Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa
João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)
Léo Teobaldo Kroth – Epagri/Cepa
Marcia Mondardo – Epagri/Cepa
Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC
Nilsa Luzzi – Jaraguá do Sul (UGT 6)
Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)
Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa
Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)
Wilian Ricce – Epagri/Ciram

#### Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.



## **APRESENTAÇÃO**

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, http://www.cepa.epagri.sc.gov.br//. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann

Presidente da Epagri



## Sumário

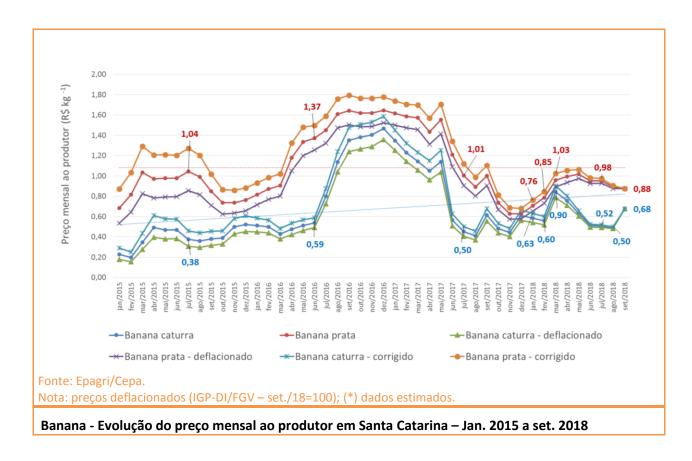
Fruticultura	7
Banana	7
Grãos	11
Arroz	11
Feijão	15
Milho	18
Soja	22
Trigo	26
Hortaliças	28
Alho	28
Cebola	30
Pecuária	33
Avicultura	33
Bovinocultura	38
Suinocultura	42
Leite	48



## **Fruticultura**

## Banana

Rogério Goulart Junior Economista, Dr. - Epagri/Cepa rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



Em setembro de 2018, a cotação da banana-caturra valorizou 40,8% em relação ao mês anterior, com a redução da oferta da fruta nas outras regiões produtoras brasileiras. Entre julho e agosto houve desvalorização de 2,4% nos preços da banana-caturra. O preço deflacionado do mês de agosto de 2018 em relação ao mesmo mês do ano anterior valorizou 30,62%, devido ao inverno com temperaturas mais baixas em 2018, com redução da maturação dos cachos e pressão positiva nos preços. Em setembro, a banana-caturra manteve o aumento nas cotações, com 22,1% de alta em relação ao mês de agosto de 2018. No entanto, a expectativa é que nos próximos meses as cotações devam se estabilizar, com o aumento da demanda pela fruta, mesmo com aumento da oferta no mercado.

Após desvalorização de 5,9% nas cotações entre julho e agosto de 2018, houve a manutenção nos preços da banana-prata entre agosto e setembro de 2018. A oferta de banana-prata está alta nas outras regiões produtoras brasileiras, o que ocasionou a redução nos preços no terceiro trimestre. A qualidade da fruta estava abaixo do padrão exigido no mercado, influenciando os preços recebidos pelos produtores. A expectativa é que nos próximos meses, com noites de temperatura mais amena, a qualidade da banana-prata melhore as cotações para o produtor.

http://cepa.epagri.sc.gov.br



Banana - Preço mé	Banana - Preço médio ao produtor (R\$.kg <sup>-1</sup> ) nas principais praças de Santa Catarina – 2018										
Dunne		Mês									
Praça	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	(%)						
Jaraguá do Sul											
Caturra	0,26	0,37	0,32	0,63	96,9						
Prata	0,71	0,80	0,62	0,62	0,0						
	·	Sul Cata	rinense								
Caturra	0,76	0,64	0,66	0,73	10,6						
Prata	1,19	1,11	1,16	1,13	-2,6						

Nota: Valores em R\$ por cx. 20 a 22 kg transformados em R\$.kg<sup>-1</sup>

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban

No Norte Catarinense, entre agosto e setembro de 2018 houve valorização dos preços com a redução da oferta nos bananais e aumento das exportações, além de melhoria na qualidade da fruta. A baixa oferta em outras regiões elevou os preços no período. No Sul Catarinenese, a demanda pela banana-caturra aumentou, elevando as cotações da variedade, enquanto a banana-prata apresentou desvalorização nos preços em função da oferta elavada eda concorrência com outras frutas da estação. A estratégia é a melhoria da qualidade da fruta, com recuperação das cotações no mercado no quarto trimestre de 2018.

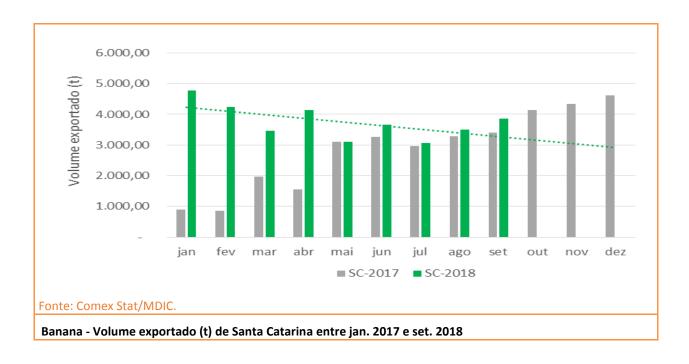
Banana - Preço médio no atacado (R\$.kg <sup>-1</sup> ) nas principais praças de Santa Catarina – 2018										
Dunna		N	lês		Var. ago./set.					
Praça	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	(%)					
Florianópolis (Ceasa)										
Caturra	1,12	1,25	1,32	1,42	7,6					
Prata	1,77	1,78	1,84	1,84	0,0					
Jaraguá do Sul										
Caturra	0,88	1,11	1,05	1,32	25,7					
Prata	1,55	1,87	1,75	1,58	-9,7					
Sul Catarinense										
Caturra	1,30	1,25	1,26	1,33	5,6					
Prata	1,83	1,82	1,83	1,78	-2,7					
			71							

Nota: Valores em R\$ por cx. 18 a 20 kg transformados em R\$.kg<sup>-1</sup>.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban.

A estiagem e o controle nos reservatórios das regiões irrigadas do Nordeste e Sudeste do país reduziram a oferta da banana-caturra no mercado atacadista nacional, o que aumentou a demanda pela fruta catarinense e a consequente valorização do preços da fruta no mercado. Na Ceagesp, os volumes comercializados entre agosto e setembro foram 18,4% menores que os do mesmo período do ano anterior. Santa Catarina participou com 10% da quantidade negociada no entreposto paulistano, mas com volume 20,5% menor que o de 2017, ou seja, de 1,2 mil toneladas em 2017 para 954 toneladas em 2018, considerando o total comercializado em agosto e setembro. A qualidade da banana-prata desvalorizou o preço da variedade no atacado, com frutas de polpa mais rígida devido a presença de *chilling*. Mas há expectativa de recuperação nas cotações, com aumento da demanda e melhoria da qualidade da fruta nos próximos meses.





Entre janeiro e setembro de 2018, o Estado catarinense participou com 77% (33,7 mil toneladas) do volume brasileiro exportado de 43,7 mil toneladas de banana. Este volume representou 70% do valor negociado, ou seja, US\$ 8,5 milhões (FOB) do total de US\$ 12,2 milhões (FOB) de exportações brasileiras no período. Em 2017, o volume catarinense de exportações foi 63% menor que o de 2018, para o mesmo período. No primeiro semestre, 82% do volume exportado foi de frutas catarinenses, gerando 74% do valor negociado da exportação nacional de banana. Já no terceiro trimestre de 2018, Santa Catarina participou com 68% do total comercializado e 61% do valor transacionado com a exportação da fruta para os países do Mercosul, principalmente Uruguai e Argentina.

Banana - Preço médio ao produtor (R\$.kg <sup>-1</sup> )* nas principais praças do Brasil – 2018									
Drace	P	Иês	Variacão (9/)						
Praça	agosto	setembro	Variação (%)						
Bom Jesus da Lapa (BA)									
Nanica	0,71	1,02	43,3						
Prata	0,78	0,74	-5,5						
Norte de Minas Gerais (MG)									
Nanica	0,71	1,20	67,8						
Prata	0,70	0,80	14,6						
Vale do Ribeira (SP)									
Nanica	0,81	1,15	42,1						
Prata	0,94	1,00	6,4						
Vale do São Francisco (BA e PE)									
Nanica	-	-	-						
Prata	0,69	0,57	-18,6						

Fonte: Epagri/Cepa adaptado de CEPEA/Esalq/USP.



Em setembro, no Vale do São Francisco e em Bom Jesus da Lapa houve desvalorização das cotações da banana-prata, devido ao aumento relativo na oferta. A diminuição da demanda pelas frutas nordestinas foi decorrente dos efeitos da estiagem, que afetaram a qualidade da banana, com redução no calibre das frutas, e do aumento na concorrência com as frutas do Sul e Sudeste brasileiros, que apresentaram cotações menores.

A oferta reduzida da banana-nanica nas principais regiões produtoras do país devido à estiagem e ao baixo nível dos reservatórios de áreas irrigadas, elevou os preços da variedade em todo o país. A qualidade da fruta baiana e as chuvas no final do mês no norte mineiro garantiram cotações valorizadas nestas regiões. No entanto, no Vale do Ribeira houve redução da demanda, com pressão de baixa nos preços. A expectativa é de redução das cotações da banana-nanica com aumento da oferta e aumento da concorrência no mercado interno, devido à melhoria na qualidade da banana-prata no último trimestre do ano.

SC - Principais		2016		ı	Estimativa 20	17		Estimativa 20	Variação estimativa 2018/2017 (%)			
MRG com cultivo de banana	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg.ha <sup>-1</sup> )	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg.ha <sup>-1</sup> )	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg.ha <sup>-1</sup> )	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Blumenau	4.305	115.516	26.832	4.254	151.752	35.673	4.176	112.050	26.832	-1,8	-26,2	-24,8
Itajaí	4.002	116.816	29.189	3.875	122.783	31.686	3.882	113.312	29.189	0,2	-7,7	-7,9
Joinville	12.416	364.954	29.393	12.714	353.378	27.794	12.044	354.005	29.393	-5,3	0,2	5,8
Araranguá	5.903	90.217	15.282	5.084	50.396	9.913	5.426	55.510	10.230	6,7	10,1	3,2
Criciúma	1.594	32.715	20.530	1.339	21.232	15.856	1.346	21.734	16.150	0,5	2,4	1,9
Tubarão	78	711	9.115	71	673	9.481	76	690	9.115	6,6	2,5	-3,9
Outras	1.023	19.068	18.637	1.038	22.191	21.378	992	18.496	18.637	-4,4	-16,7	-12,8
Total	29.321	739.997	25.238	28.375	722.404	25.459	28.442	717.797	25.238	0,2	-0,6	-0,9

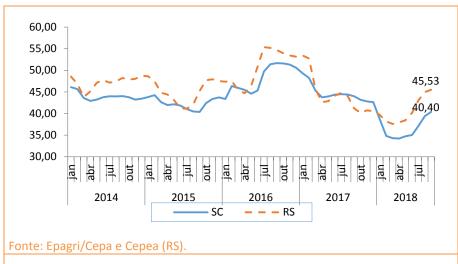
Fonte: Epagri/Cepa



## Grãos

## **Arroz**

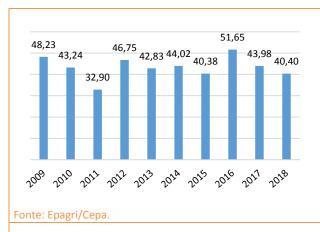
Glaucia Padrão Economista, Drª. – Epagri/Cepa glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



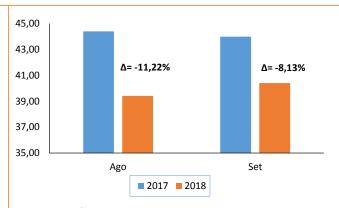
Arroz irrigado – Evolução do preço médio real mensal ao produtor – Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Jan./2014 a Ago./2018) – R\$/sc 50kg

No mês de setembro de 2018, preços do arroz ao produtor continuaram subindo nos dois principais estados produtores do grão. No Rio Grande do Sul, os preços fecharam em R\$45,53, enquanto em Santa Catarina a média para setembro foi R\$40,40 a saca de 50kg de arroz em casca. As indústrias se movimentaram para repor seus estoques e estiveram abertas a novas compras. A maior parte dos produtores já realizou sua venda devido à

necessidade de pagamento dos financiamentos. Mas aqueles que possuem capacidade de estocagem e não tem pressa em receber o pagamento pelo seu produto, estão atuando de forma cautelosa no mercado, na expectativa de que os preços continuem aumentando. Entre as causas da elevação dos preços, está o período de entressafra, a valorização do dólar frente ao real, redução da expectativa de plantio e a possibilidade de redução da produtividade pela instabilidade climática prevista, em se confirmando o El Niño. Embora os preços estejam elevados em comparação com as últimas safras, os preços no mês de setembro foram 8,13% menores em relação ao mesmo mês de 2017. Destaca-se, também, que este é o menor preço desde 2011, o que tem resultado em um endividamento cada vez maior dos produtores, que veem sua margem de ganho se encurtando a cada safra.



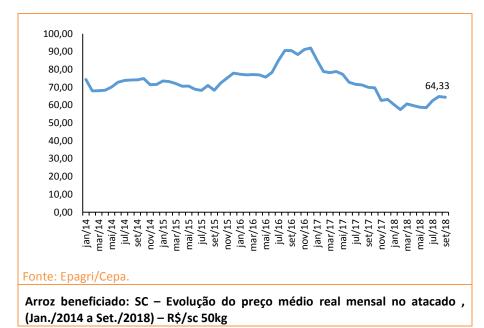
Arroz em casca: SC – Preço médio real no mês de setembro, de 2009 a 2018



Fonte: Epagri/Cepa.

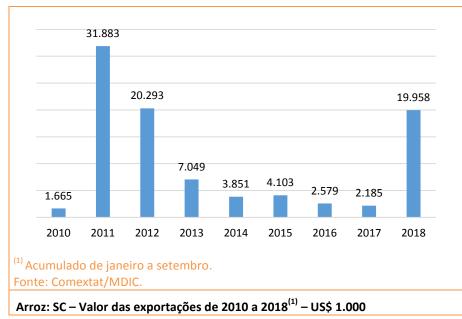
Arroz em casca: SC – comparativo dos preços reais ao produtor nos meses de agosto e setembro de 2017 e 2018





Os preços no atacado sofreram uma leve redução no mês de setembro em relação à agosto de 2018. Na média mensal, fecharam em R\$ 64,33. A variação dos preços no atacado em relação ao mês anterior -0,70%, foi de enquanto preço produtor aumentou 2,5%. As dificuldades de venda por parte das indústrias resultam em demora no repasse dos preços para mercado atacadista e varejista. Contudo, mesmo com os seguidos aumentos

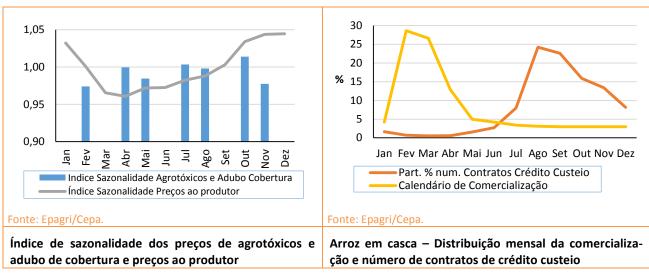
preços ao produtor, a produtora por arroz em casca segue o ritmo normal para esta época do ano no estado.



No que diz respeito mercado externo, observa-se que a alta do dólar favoreceu as exportações catarinenses de arroz e seus derivados. Ademais, a crise vivida pela Venezuela fez com houvesse uma forte procura pelo arroz brasileiro, em razão das sanções impostas pelos EUA, que resultaram na seguinte triangulação: Venezuela vende petróleo à China e recebe em troca alimentos, em especial o arroz vindo do Brasil. Assim, de janeiro a setembro de

2018, Santa Catarina exportou valor quase equivalente ao exportado em 2012 e muito superior aos anos de 2013 a 2017. Além da Venezuela, a África do Sul aumentou as importações com origem no estado, a fim de repor seus estoques públicos. Tais fatores somados podem resultar em exportações totais no ano superiores às observadas em 2012 e próximas de 2011, quando a escassez de oferta mundial tornou os preços no mercado externo atrativos e impulsionaram as exportações do grão no estado.





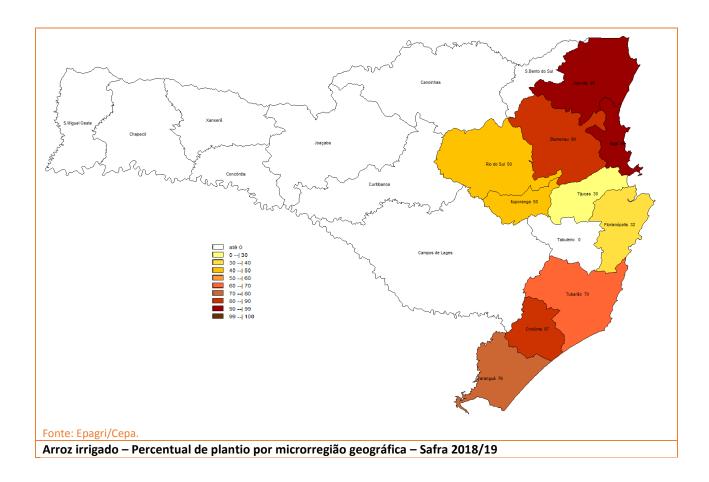
Em um cenário de incerteza política e valorização do dólar, cabe ao produtor fazer as melhores escolhas e o planejamento de sua atividade, procurando reduzir custos e vendendo seu produto no melhor momento do mercado. Uma das formas de reduzir o custo de produção, é a compra antecipada de insumos, no momento em que os preços dos agrotóxicos e adubos estejam menores. No estado de Santa Catarina, os meses de fevereiro, maio e novembro são aqueles em que os preços dos principais insumos estão mais baixos, principalmente pela baixa procura pelos mesmos. Do lado da venda do produto, os meses de setembro a janeiro são aqueles em que o preço ao produtor pode estar até 8% acima do preço médio da safra, em função do período de entressafra e baixa oferta do produto no mercado. Contudo, a segunda figura do quadro acima mostra o momento em que o produtor comercializa seu produto e quando ocorre a concentração na concessão de crédito de custeio no estado. Observa-se que a comercialização do grão em Santa Catarina está concentrada nos meses de janeiro a maio, mas o destino dessa venda é o pagamento das dívidas de financiamento contraídas no início da safra, o que impede tanto a aquisição antecipada de insumos quanto o acesso ao crédito para custeio da lavoura, que se intensifica, no estado, entre agosto e dezembro de cada ano. Tal análise permite concluir que aquele produtor que se capitalizar de uma safra para outra tem maior possibilidade de reduzir custos e se manter na atividade no longo prazo.

Arroz Irrigado: SC	- Comparat	ivo safra 201	1 <b>7/18</b> e sa	fra 2018/1	.9				
	Sa	fra 2017/18		Safra 201	.8/19 Estimat	tiva Inicial	Variação (%)		
Microrregião	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	51.530	404.001	7.840	51.530	384.712	7.466	0,00	-4,77	-4,77
Blumenau	8.356	67.345	8.059	8.222	65.851	8.009	-1,60	-2,22	-0,63
Criciúma	20.857	162.944	7.812	20.813	152.504	7.327	-0,21	-6,41	-6,21
Florianópolis	2.660	17.336	6.517	1.950	14.825	7.603	-26,69	-14,48	16,65
Itajaí	9.111	73.128	8.026	9.196	78.910	8.581	0,93	7,91	6,91
Ituporanga	277	2.475	8.935	190	1.615	8.500	-31,41	-34,75	-4,87
Joinville	19.536	164.871	8.439	18.025	151.051	8.380	-7,73	-8,38	-0,70
Rio do Sul	10.702	95.926	8.963	9.692	84.438	8.712	-9,44	-11,98	-2,80
Tabuleiro	126	1.056	8.381	120	1.020	8.500	-4,76	-3,41	1,42
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.490	18.860	7.574	-7,43	-7,09	0,37
Tubarão	21.094	173.214	8.212	21.082	154.657	7.336	-0,06	-10,71	-10,66
Santa Catarina	146.939	1.182.596	8.048	143.310	1.108.442	7.735	-2,47	-6,27	-3,90

Fonte: Epagri/Cepa (Setembro/2018).



As primeiras estimativas da Epagri/Cepa para a safra 2018/19 apontam para uma leve redução na área plantada de arroz irrigado em Santa Catarina. Soma-se a isto, a possibilidade de confirmação do fenômeno El Niño que, pela irregularidade das chuvas, tende a resultar em produtividades inferiores às observadas nas duas últimas safras. Assim, a expectativa é que a produção seja 6,27% menor em relação à safra 2017/18. Ao todo, 78% da área destinada ao arroz irrigado na safra 2018/19 já foi semeada. Nas microrregiões do norte do estado o plantio encontra-se em fase final, pois tais regiões tradicionalmente colhem a soca e, por isso, iniciam o plantio mais cedo. No litoral sul do estado, o plantio já alcança quase 80% da área, tendo seu ritmo prejudicado pelo excesso de chuvas ocorrido nas últimas semanas. Nas microrregiões de Florianópolis, Tabuleiro e Tijucas, o plantio começa a se intensificar, mas deverá alcançar ritmo mais acelerado na segunda quinzena de outubro, se o clima favorecer.





## Feijão

João Rogério Alves Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa joaoalves@epagri.sc.gov.br

Os preços médios pagos aos produtores pela saca de 60kg do feijão-carioca (praça de Joaçaba) nesse mês de setembro, aumentaram em média cerca de 10%, passando de R\$85,00 para R\$93,68. Na comparação com o de setembro de 2017, a variação ainda permanece negativa em cerca de 15%. O comportamento altista também foi observado em praticamente todas as praças pesquisadas: Paraná, alta de 10%; São Paulo, aumento de 11% e Goiás, alta de 2%. Para o feijão-preto, o preço pago ao produtor pela saca de 60kg teve aumento de 6,7% em Santa Catarina; no Paraná, alta de 5,8% e no Rio Grande do Sul, alta de 0,48%. Em relação ao mês de setembro do ano passado, os preços pagos atualmente estão cerca de 5,6 e 6,0% mais altos em Santa Catarina e no Paraná, respectivamente.

Feijão – Evolução do p	oreço médio men	sal pago ao prod	utor - safra 20	17/18 (R\$/60kg	)	
Estado	Tipo	Ago./2018	Set./2018	Variação (%)	Set.20/17	Variação (%)
Santa Catarina		85,00	93,68	10,21	110,00	-14,84
Paraná		86,55	95,26	10,06	94,07	1,27
São Paulo	Feijão Carioca	103,01	114,5	11,15	125,98	-9,11
Minas Gerais		100,93	99,31	-1,61	140,11	-29,12
Goiás		97,73	99,67	1,99	119,74	-16,76
Santa Catarina		120,00	128,00	6,67	121,24	5,58
Paraná	Feijão Preto	112,43	119,00	5,84	112,32	5,95
Rio Grande do Sul		132,13	132,76	0,48	130,82	1,48

Nota: Feijão-preto, referência Canoinhas/SC. Feijão-carioca, referência SC Joaçaba/SC - setembro/2018. Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS, MG, GO e SP).

Na Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP), que registra os preços praticados no mercado atacadista para o principal mercado brasileiro de feijão, no dia 14 de outubro a saca de 60kg do feijão-carioca nota 9,5 foi comercializado a R\$135,00, variação positiva de 10% em relação ao dia 14 de agosto. Para o feijão-carioca nota 8,5, a cotação foi de R\$117,5 em setembro, contra R\$107,5 no mês de agosto, alta de cerca de 11%. O comportamento do mercado para o feijão-carioca e preto segue estável, com movimentação intensa de compradores em busca de lotes de boa qualidade, mas com bom equilíbrio entre oferta e demanda de mercadoria.

Feijão: São Paulo – Preço médio diário do feijão no mercado atacadista											
Produto <sup>(¹)</sup>	14/09/2018	14/08/2018	Variação (%)	Mercado <sup>(2)</sup>							
Feijão Carioca Extra (9,5)	135,00	122,50	10,20	Estável							
Feijão Carioca Extra (9,0)	127,50	115,00	10,87	Estável							
Feijão Carioca Especial (8,5)	117,50	107,50	9,30	Estável							
Feijão Carioca Comercial (8,0)	112,50	95,00	18,42	Estável							
Feijão Preto Extra	167,50	142,50	17,54	Estável							
Feijão Preto Especial	155,00	132,50	16,98	Estável							

feijão nacional, maquinado, saca 60kg, 15 dias, CIF/SP.

Nota 1: Estável: movimento acentuado do mercado, mas com equilíbrio entre oferta e demanda. Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo, BCSP.

<sup>(2)</sup> comportamento do mercado em 14/09/2018.



O cultivo do feijão primeira safra 2018/19 iniciou em todo país. A estimativa inicial da Conab aponta que a área plantada deverá variar entre 953 mil e 991,2 mil hectares, redução de 9,2% a 6,4% em relação à safra passada. Essa variação registrada pela companhia ocorre em função de que a primeira safra nacional de feijão compete com soja e milho por área, facultando aos produtores optarem por culturas que ofereçam melhores resultados financeiros.

No estado do Paraná, o plantio se encontra bastante avançado, segundo dados do Deral, a área plantada já ultrapassa os 73% área prevista, até o momento cerca de 94% das lavouras implantadas encontram-se em boas condições. Segundo projeções da Conab, a tendência de que ocorra uma redução na área plantada que poderá variar entre 25% a 20% em relação à safra anterior. Essa redução de área ocorre porque os produtores estão optando por plantar soja devido aos seus bons preços.

No Estado do Rio Grande do Sul, o plantio já foi iniciada e já ultrapassa os 30% da área estimada. Nas últimas semanas a evolução da implantação das lavouras ocorreu de forma mais lenta em função alta umidade do solo, o que dificulta as operações mecanizadas de plantio e de pulverizações e adubações nas lavouras mais adiantadas. A previsão dos gaúchos para o feijão primeira safra é de plantar cerca de 41,4 mil hectares, contra os 39,8 mil hectares plantados na safra passada, crescimento de 4,16%. Em relação à produção, é estimado colher nesta safra cerca de 60,4 mil toneladas, contra os 64,4 mil toneladas colhidos na safra anterior, redução de 6,2%.

Na Região Sudeste, principal produtora de feijão-comum cores na primeira safra, projeta-se uma redução entre 9,3% e 6,3% de área em relação à safra passada. Nos principais estado produtores, Minas Gerais e São Paulo, predomina o cultivo do feijão-comum cores na primeira safra. No Sudeste a cultura está totalmente semeada, com previsão de colheita a partir de novembro podendo se estender até janeiro de 2019.

Em Santa Catarina, o plantio já iniciou, mas em função dos baixos preços obtidos na safra passada, produtores estão optando por semear milho ou soja, culturas com melhor rentabilidade, aspecto que nos leva a projetar uma redução bastante significativa, na ordem de cerca de 9 mil hectares em relação à safra passada, passando de 46,8 mil para 37,8 mil hectares. Até o momento, considerando todas as 20 Microrregiões Geográficas do Estado, já foram semeados cerca de 20% da área total estimada de plantio para a safra 2018/19.

Nesta safra a MRG de Campos de Lages deverá ser responsável por cerca de 20% da produção total de feijão primeira, seguido da MRG de Xanxerê, com 18% Curitibanos, com 17% e Canoinhas com 17%, juntos essas MRG responderão por mais de 70% da produção estadual de feijão primeira. Em comparação à safra passada, a redução na produção estadual deverá chegar a 18%. Quanto ao rendimento médio, ao que tudo indica deverá haver um incremento na ordem de 2%. Esse ganho em produtividade decorre das boas expectativas em relação ao clima, aspecto que impacta decisivamente na quantidade e, sobretudo, na qualidade do produto a ser colhido.

Na Região Sul do estado, os plantios já passam de 90%. No Alto Vale do Itajaí, Oeste e Extremo Oeste mais de 70% das áreas destinadas ao plantio já foram semeadas. Na Região do Planalto Norte, importante região produtora de feijão, os plantios já ultrapassam 40% das áreas destinadas ao feijão primeira safra. Nas demais regiões do Estado, a implantação das lavouras se entende até o início de dezembro. Em regiões como Meio Oeste (destaque para Campos Novos) e Planalto Serrano (destaque para São José do Cerrito), por serem de maior altitude e mais frias, o plantio ocorre mais tarde que no restante do Estado.

A intensidade das chuvas ocorridas em algumas regiões do estado são fonte de preocupação, com muitos produtores precisando adiar as operações de plantio em função da alta umidade no solo. As lavouras em fase de desenvolvimento vegetativo apresentam bom comportamento agronômico, com plantas vigorosas e com baixos registros de incidência de ataque de doenças. Nos próximos dias devem se intensificar as operação de adubação de cobertura, desde de que o clima colabore para isso.



Feijão 1ª safra – Comp	arativo d	e safra 201	7/18 e 2018/	19					
	s	afra 2017/	2018	Estimativa atual safra 2018/2019			Variação (%)		
Microrregião	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	98	96	979	74	73	986	-24	-24	1
Blumenau	95	100	1.053	97	114	1.175	2	14	12
Campos de Lages	9.380	19.207	2.048	8.130	15.232	1.874	-13	-21	-9
Canoinhas	6.000	10.734	1.789	5.700	11.780	2.067	-5	10	16
Chapecó	2.732	5.509	2.017	2.536	5.193	2.048	-7	-6	2
Concórdia	624	1.099	1.760	429	795	1.853	-31	-28	5
Criciúma	543	630	1.161	533	629	1.180	-2	0	2
Curitibanos	9.095	19.967	2.195	5.880	12.714	2.162	-35	-36	-2
Florianópolis	132	181	1.371	35	44	1.243	-73	-76	-9
Itajaí	7	8	1.143						
Ituporanga	1.107	2.212	1.998	980	2.070	2.112	-11	-6	6
Joaçaba	3.783	7.085	1.873	2.422	4.041	1.668	-36	-43	-11
Joinville	14	10	714	22	22	1.000	57	120	40
Rio do Sul	588	968	1.646	602	995	1.652	2	3	0
São Bento do Sul	500	798	1.595	680	1.224	1.800	36	53	13
São M. do Oeste	1.077	1.881	1.746	1.196	2.298	1.921	11	22	10
Tabuleiro	485	544	1.122	463	737	1.592	-5	35	42
Tijucas	184	213	1.158	230	284	1.235	25	33	7
Tubarão	1.033	1.340	1.297	973	1.310	1.346	-6	-2	4
Xanxerê	9.402	16.613	1.767	6.843	13.754	2.010	-27	-17	14
Santa Catarina	46.879	89.194	1.903	37.825	73.308	1.938	-19	-18	2

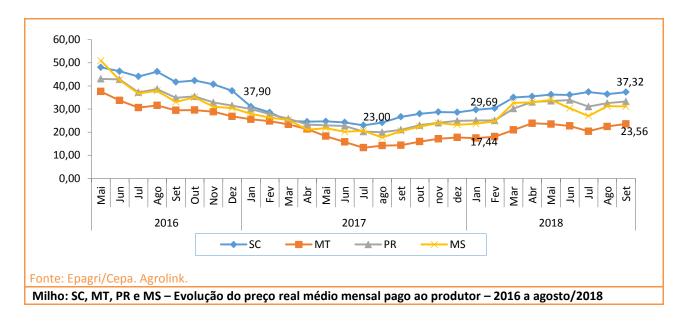
Fonte: Sistema de acompanhamento de safras, Epagri/Cepa (setembro/2018).



## Milho

Haroldo Tavares Elias Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa htelias@epagri.sc.gov.br

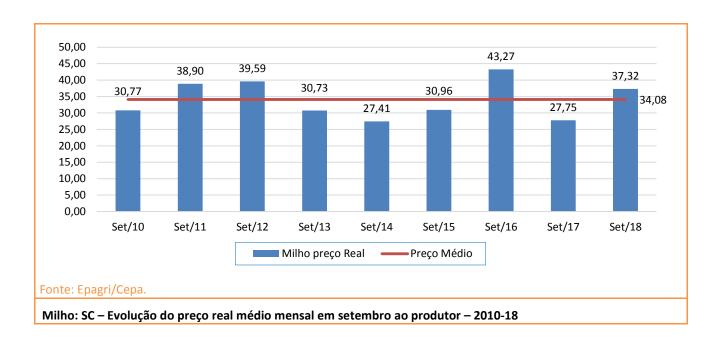
Desde o início do ano, os preços do cereal apresentaram elevação consistente no Estado. De janeiro até setembro o preço teve reajuste superior a 25%, passando de R\$ 29,69/sc para R\$ 37,32/sc (Gráfico). Em relação ao mês anterior (ago./2018) apresentou reação positiva de 2,3%. Os valores praticados neste mês continuam sendo os mais elevados desde janeiro de 2017 (R\$37,32). Relativamente ao mês de setembro/2017, o valor pago ao produtor está superior em 39%. Nos principais estados produtores - Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná, as cotações em setembro registraram R\$ 23,56/sc, R\$ 31,10/sc, R\$ 33,26/sc, respectivamente. A variação em relação ao mês anterior houve reajuste de 2,1% em média nestes estados. É interessante salientar que vem ocorrendo um distanciamento visível entre os preços praticados no Mato Grosso, maior produtor de milho do Brasil, e Santa Catarina, um dos maiores consumidores do cereal no país. Esta diferença aumentou em mais de 10% desde início do ano. O aumento nos custos do frete deve explicar boa parte desta diferença de preços praticados nos dois Estados.



#### Preço médio em setembro:

O preço histórico do milho ao produtor em Santa Catarina, considerando o mês de setembro no período de 2010 a 2018 (Gráfico abaixo) é de R\$ 34,08. Verifica-se que o preço de setembro 2018 (R\$37,32) se mantém acima do valor médio praticado no período (R\$34,08). Em 2016, registrou-se o maior preço praticado, enquanto em 2014 o menor no período. Esta flutuação dos preços é um dos motivos da constante queda no cultivo do cereal no Estado. Os preços fortalecidos no ano motivam um possível acréscimo na área plantada na safra 2018/19.

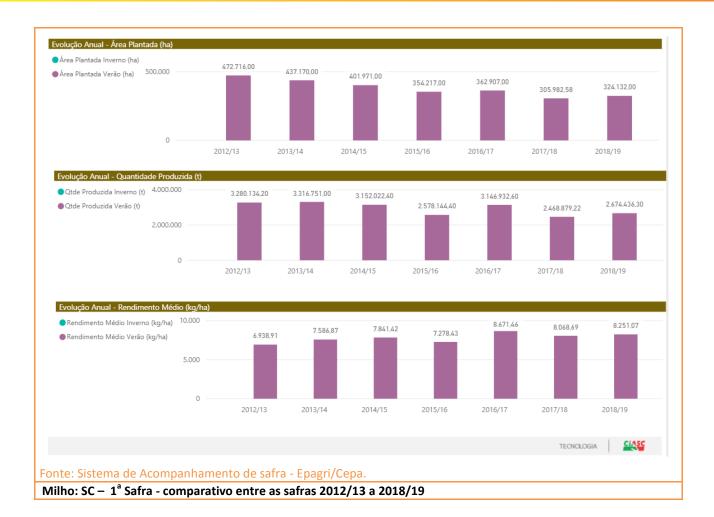




#### Panorama estadual - Safra 2018/19

A estimativa inicial para a próxima safra apresenta uma recuperação da área cultivada de 5,9%. Com isto, o Estado passa a cultivar 324 mil hectares de milho grão na safra 2018/19, frente a 305 mil hectares da safra anterior. Este ganho de área, conforme já havíamos relatado nos boletins anteriores, é devido ao fortalecimento dos preços do cereal desde início de 2018. Os preços de equivalência soja/milho permaneceram por vários meses na faixa de 2,3 ou menor, situação que favoreceu o cultivo do milho. Outro fator levado em consideração pelo produtor é a necessidade de rotação soja/milho, em função da questão fitossanitária e aspectos de conservação do solo em plantio direto. Quanto ao rendimento médio (Kg/ha), há uma expectativa também de recuperação deste valor, projetado para 8.251Kg/ha contra 8.068kg/ha do ano anterior. Desde 2013 este ganho foi de 19%, representando 1.300Kg/ha ao longo do período, uma média 185kg/ha/ano. Este ganho está relacionado com as novas tecnologias aplicadas, cultivares modernas e adaptadas e manejo da cultura, que tem sido aprimorada ao longo do tempo. Com isto, espera-se que a produção total do estado fique em 2,67 milhões de toneladas, recuperando mais de 200 mil toneladas sobre a safra anterior. Isto tudo, se as condições climáticas se apresentarem favoráveis nos próximos meses. Apesar da estimativa de cultivo de área maior na safra que se inicia, ao longo dos últimos anos o cultivo tem diminuído significativamente. Nos gráficos abaixo é apresentada a evolução do cultivo de milho grão primeira safra em Santa Catarina de 2012/13 a 2018/19, conforme levantamentos da Epagri/Cepa. Neste período, o cultivo de milho grão apresentou redução de quase 150 mil hectares, perdendo área para a soja bem como para o milho destinado à produção de silagem.





#### Acompanhamento safra 2018/19

**Região Oeste** - Chapecó, Xanxerê, Concórdia e São Miguel do Oeste: os plantios continuam sendo realizados dentro do calendário. A cultura se desenvolve normalmente. O que está causando certa preocupação são as chuvas intensas ocorridas, que podem causar danos nos plantio, mas que não foram ainda reportados. Nesta região, o plantio está sendo finalizado, com 90% da área de cultivo prevista já semeada até o dia 10 de outubro.

Joaçaba, Campos Novos, Curitibanos e Caçador: até o dia 10 de outubro, o plantio está em torno de 30-35% da área prevista de plantio. Nos municípios com maior altitude as áreas semeadas ainda são pequenas. O clima chuvoso contribuiu para o atraso do plantio. Na próxima semana as áreas plantadas devem aumentar significativamente;

**Região Norte** - Mafra e Canoinhas: até o momento, entre 60 a 70% da área está semeada. O plantio deverá avançar rapidamente nos próximos dias caso diminuírem as chuvas;

**Campos de Lages**: plantio inicia em final de outubro e início de novembro.

Litoral Sul: área pouco expressiva, mas já com 100% plantado.

**Alto Vale do Itajaí**: o plantio supera os 70% na região. A tendência é um aumento na área plantada de 5% a 10%. Até o momento a situação das lavouras está dentro da normalidade.

**Estado**: No estado, a projeção é de que 56% do milho já está plantado até 10 de outubro. O plantio avança. As chuvas intensas, em especial no Oeste, diminuíram o ritmo de semeadura, ocasionando um pequeno atraso no plantio, porém dentro do cronograma para o período recomendado no zoneamento.



Regiões com altitudes mais elevadas, como os Campos de Lages, devem iniciar o plantio no final de outubro e início de novembro.

#### Climatologia<sup>1</sup> (o que se espera para época do ano)

No mês de outubro a média de chuva chega a 210mm no Oeste e Meio Oeste e a 150mm nos Planaltos Sul e Norte e no Litoral Norte. A média de chuva em novembro é de 150 a 170mm no Oeste e Meio Oeste e de 110 a 130mm no Planalto, Vale do Itajaí e Litoral. Em dezembro, a média é de 150 a 200mm no Oeste, Meio Oeste, Planalto Norte, Vale do Itajaí, Litoral Norte e Grande Florianópolis e entre 100 a 140mm nas demais regiões. Na primavera, os temporais, com granizo e ventania, ocorrem com mais frequência em Santa Catarina. Os totais de chuva são mais elevados em relação aos meses anteriores, com acumulados significativos de chuva em curto espaço de tempo. Mesmo com a chuva frequente, podem ocorrer períodos de cinco a sete dias sem chuva.

#### **Safra Nacional**

A expectativa de normalização das chuvas para a temporada que se inicia é a grande aposta dos produtores do cereal, em razão do promissor mercado que se vislumbra e que vem se fortalecendo a cada ano. As alternativas de exportação para o mercado chinês, os reflexos da taxa de câmbio, a fabricação de etanol a partir de milho, além do forte mercado interno, grande produtor de proteína animal, são fatores que dão suporte às expectativas otimistas. Há, portanto, uma expectativa de crescimento da produção nacional de milho na primeira safra frente à safra anterior (á confirmar), a exemplo do que ocorre na Região Sul. A definição da área plantada ficará, portanto, condicionada à evolução do clima nos próximos meses².

-

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Epagri/Ciram. http://ciram.epagri.sc.gov.br/index.php?option=com\_content&view=article&id=2405&Itemid=141.

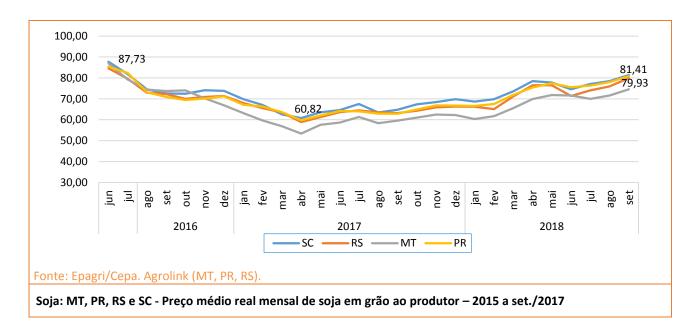
<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 6 - Safra 2018/19, n.1 - Primeiro levantamento, outubro 2018.



## Soja

Haroldo Tavares Elias Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa htelias@epagri.sc.gov.br

A soja continuou com os preços pagos aos produtores fortalecidos até setembro, registrando R\$74,55; R\$80,85 e R\$79,93 (saca de 60kg) no Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul, respectivamente. Em comparação com o mês de agosto, os preços tiveram um reajuste médio de 4,3% nestes estados. No comparativo com o mês de setembro de 2017, a variação média dos preços nos principais estados produtores (MT, PR e RS) foi de 25,8%. Em Santa Catarina, os preços apresentaram comportamento semelhante, com elevação de 3,7% entre agosto e setembro/18, com a saca cotada a R\$81,41. O principal fator que manteve os preços da soja fortalecido no Brasil desde junho é a relação cambial. O lado bom para os vendedores é que a taxa cambial (dólar x real) esteve elevada em setembro, quando atingiu o maior valor desde a implementação do Plano Real (R\$4,17—R\$4,20). Isso atraiu compradores externos para o Brasil, que exportou volume recorde no mês em relação ao mesmo período de anos anteriores. Nesse cenário, os preços domésticos seguem nos maiores patamares desde julho/16, em termos reais (IGP-DI, agosto/18). No começo de outubro este cenário começa a mudar. A cotação do dólar está apresentando queda frente ao real, o que reflete diretamente na formação dos preços da soja e muda o cenário interno. Por outro lado, o mercado está de olho na evolução da colheita da soja norte americana e aumento de demanda naquele país.



#### Safra 2018/19

Na safra 2017/18 a produção de soja em Santa Catarina teve uma expansão de 3,9% na área cultivada em relação à safra 2016/17. Com isso, alcançou 684 mil hectares cultivados, com produção de 2,45 milhões de toneladas, conforme tabela abaixo.



Na safra 2018/19, que se inicia, a área deverá apresentar um recuo de 3,6%, chegando aos 661 mil hectares, com produção estimada de 2,42 milhões de toneladas (Tabela abaixo). Um dos fatores que levou a esta projeção foi o preço pago pelo milho desde o início do ano em curso, o que, de certa forma, incentivou o cultivo do cereal, com possível expansão aa área em mais de 5% para a próxima safra. Por outro lado, também tivemos um ajuste na área plantada de soja em algumas regiões, de acordo com o Censo Agropecuário 2017 do IBGE, cujos resultados iniciais foram apresentados em julho de 2018. As regiões de Xanxerê, Canoinhas e Curitibanos, incluindo Campos Novos, constituem-se nas maiores produtoras, somando 380 mil hectares, o que representa mais de 57% da área cultivada no estado. Há uma expectativa de aumento de 1,8% no rendimento médio (Kg/ha), Avanços na produtividade que também foram verificados ao longo dos anos. O Estado apresenta uma das melhores produtividade de soja do Brasil nas últimas safras (CONAB, 2018)<sup>3</sup>. Nesta safra, está sendo apontado o cultivo da soja na Região Sul do estado, com previsão de plantio de 1.540 hectares, em sucessão ao milho, milho silagem e fumo.

#### Panorama regional

Início de plantio nas regiões do Oeste: Chapecó, São Miguel do Oeste, Concórdia e Xanxerê, alcançando de 25 a 30% de plantio até 10 de outubro. O tempo com chuvas intensas não está permitindo o avanço mais rápido do plantio em função da umidade do solo. Esta é a janela preferencial de plantio de soja para a maioria das regiões do Estado. Até final de outubro o plantio deverá ultrapassar os 50%, com regularização das chuvas e possibilidade de trabalhos de mecanização/semeadura.

Soja: SC – Safra 2017/18, estimativa inicial da área, produção e rendimento 2018/19 e comparativo entre safras 2018/19 e 2017/18

	(	Safra 2017/	18	Estimat	iva inicial -	- 2018/19	2018/19-2017/18 (%)			
Microrregião	Área plantada (ha)	Rend. médio (kg/ha)	Quant. produzida (t)	Área plantada (ha)	Rend. médio (kg/ha)	Quant. produzida (t)	Área plant.	Rend. médio	Quant. prod.	
Campos de Lages	62.230	3.580	222.758	60.390	3.528	213.033	-3,0	-1,5	-4,4	
Canoinhas	129.800	3.472	450.720	127.800	3.539	452.260	-1,5	1,9	0,3	
Chapecó	92.941	3.237	300.866	88.936	3.256	289.582	-4,3	0,6	-3,8	
Concórdia	5.330	3.725	19.855	5.327	3.545	18.886	-0,1	-4,8	-4,9	
Criciúma				1.540	3.447	5.308				
Curitibanos	113.008	3.880	438.490	109.630	4.074	446.673	-3,0	5,0	1,9	
Ituporanga	8.240	4.143	34.140	7.330	4.066	29.802	-11,0	-1,9	-12,7	
Joaçaba	67.664	3.783	255.994	61.150	4.049	247.605	-9,6	7,0	-3,3	
Rio do Sul	4.015	3.916	15.721	4.902	3.780	18.528	22,1	-3,5	17,9	
São Bento do Sul	11.500	3.219	37.020	9.800	3.263	31.980	-14,8	1,4	-13,6	
São Miguel do Oeste	41.277	3.329	137.399	41.277	3.340	137.847	0,0	0,3	0,3	
Xanxerê	148.040	3.685	545.578	142.950	3.684	526.561	-3,4	0,0	-3,5	
Santa Catarina	684.045	3.594	2.458.541	661.032	3.658	2.418.066	-3,4	1,8	-1,6	

Fonte: Epagri/Cepa.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/serie-historica-das-safras?start=20

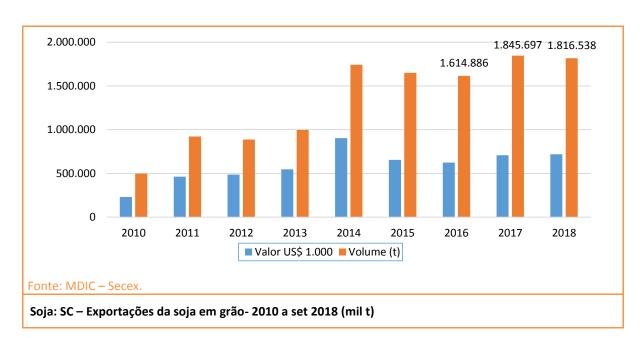


#### Climatologia<sup>4</sup> (o que se espera para época do ano)

No mês de outubro, a média de chuva é de 210mm no Oeste e Meio Oeste e de 150mm nos Planaltos Sul e Norte e no Litoral Norte. Em novembro, a média é de 150 a 170mm no Oeste e Meio Oeste e de 110 a 130mm no Planalto, Vale do Itajaí e Litoral. Em dezembro, a média é de 150 a 200 m no Oeste, Meio Oeste, Planalto Norte, Vale do Itajaí, Litoral Norte e Grande Florianópolis e entre 100 a 140mm nas demais regiões. Na primavera, os temporais, com granizo e ventania, ocorrem com mais frequência em Santa Catarina. Os totais de chuva são mais elevados em relação aos meses anteriores, com acumulados significativos de chuva em curto espaço de tempo. Mesmo com chuvas frequentes, podem ocorrer períodos de cinco a sete dias sem chuva

#### Exportações do Estado

Em 2017, foram exportados pelo estado 1,84 milhões de toneladas, em torno de 14,2% a mais que o volume do ano anterior. Entre os principais destinos das exportações, a China lidera o ranking e compra em torno de 80% do total comercializado da soja catarinense,. Em 2018, até setembro já era contabilizado um volume próximo ao total das vendas de 2017, indicando que neste ano o estado poderá alcançar uma marca recorde de exportação de soja.

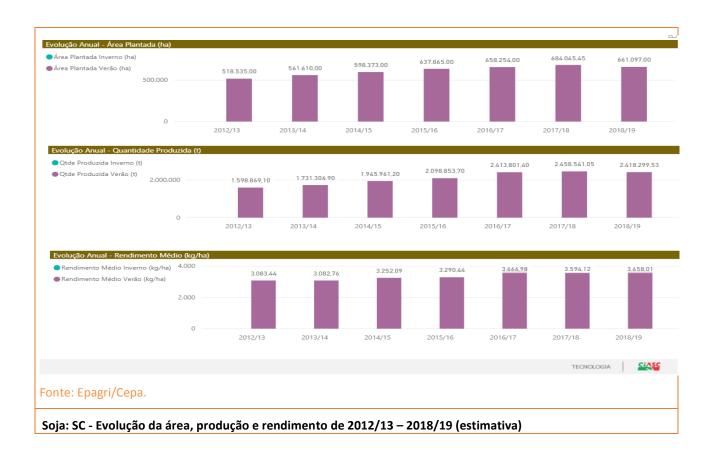


#### Evolução da área cultivada de soja

Os gráficos abaixo apresentam a evolução da área cultivada, da quantidade produzida e do rendimento da soja no estado, de 2012/13 até a projeção para safra 2018/19. De 2012/13 a 2017/18 foram incorporados próximo de 150 mil hectares à produção, um de aumento 32% na área cultivada. Em termos de rendimento, o período registrou ganho de mais de 18%, passando de 3.083 kg/ha no início da série para 3.658 kg/ha, estimativa para 2018/19. Quanto à produção, no período ocorreu um aumento de mais de 800 mil toneladas. Este aumento, inclusive, explica o crescente volume de exportações pelo estado.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Epagri/Ciram. http://ciram.epagri.sc.gov.br/index.php?option=com\_content&view=article&id=2405&Itemid=141







## **Trigo**

João Rogério Alves Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa joaoalves@epagri.sc.gov.br

Com o início da colheita no estado do Paraná, os preços do trigo tiveram variação negativa na comparação entre agosto e setembro, com queda de 1,84%. Essa queda nos preços pagos ao produtor se deve ao excesso de chuvas em algumas regiões do estado, que prejudicaram significativamente a qualidade do produto, comprometendo sua utilização para a produção de farinhas de melhor qualidade (pão, massas, etc.). O que havia sido colhido antes das chuvas, cerca de 30%, apresentou qualidade superior. Segundo dados do Deral — Departamento de Economia Rural do Paraná, até o dia 08 de outubro já tinham sido colhidos cerca de 62% da safra.

No Rio Grande do Sul, os preços reagiram levemente, com alta de 2,38%. Naquele estado, a colheita ainda não iniciou oficialmente. Segundo dados da Emater/RS referentes à primeira semana de outubro, cerca de 88% das lavouras encontravam-se em fase final de enchimento de grãos e início da maturação. As lavouras a campo apresentam boas condições agronômicas, apesar da ocorrência de acamamento em lavouras de forma pontual em regiões do estado. A preocupação dos técnicos é que, em persistindo as elevadas temperaturas e excesso de umidade observada nos últimos dias, poderá haver perdas em qualidade de grão pelo ataque de doenças fúngicas na fase final do ciclo da cultura, comprometendo a sanidade da lavouras e os preços a serem pagos pela produção. Contudo, ainda não se mencionam perdas e/ou redução das expectativas de colheita e rendimento das lavouras.

No mercado catarinense, os preços médios oferecidos aos produtores que possuem trigo grão disponível para comercialização variaram muito pouco, com ligeira queda de 0,76% no mês de setembro, passando de R\$43,35/saca, para 43,02/saca. Em relação a um ano atrás a variação foi positiva em cerca de 28,73%, ou seja, nesta safra a remuneração está sendo mais favorável aos produtores do que na safra passada.

Na Argentina, segundo dados do boletim informativo da *Bolsa de Cerales de Córdoba* (BCCBA), o estado geral das lavouras de trigo, até a segunda quinzena de setembro, é considerado bom. De uma área plantada de 6,2 milhões de hectares, cerca de 53,6% estão em condições hídricas de adequada a ótima. Mesmo com a ocorrência de granizo, geadas e excesso de chuvas, registrados em diferentes regiões do país, cerca de 42% das lavouras encontram-se em condição de cultivo entre bom e exclente. Quanto às fases de desenvolvimento da cultura, até o último dia três de outubro cerca de 79% estavam em estágio reprodutivo, 33% em fase de espigamento, cerca de 6% em fase de gão pastoso e apenas 2% em maturação fisiológica.

Trigo Grão – Preços médios pagos ac	produtor - safra	a 2018/19 – R\$/	saca de 60kg		
Estado	Ago./2018	Set./2018	Variação mesal (%)	Set./2017	Variação anual (%)
Santa Catarina	43,35	43,02	-0,76	33,42	28,73
Paraná	47,41	46,54	-1,84	32,64	42,59
Rio Grande do Sul	41,15	42,13	2,38	30,91	36,30
São Paulo	55,95	54,21	-3,11	37,39	44,99

Nota: SC e PR - Trigo Pão PH78, RS e SP - Trigo em Grão Nacional.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS e SP), setembro/2018.



A campo, as lavouras nas MRG de Canoinhas e São Bento do Sul apresentam boas condições, com expectativa de safra de boa qualidade e excelente rendimento. Já na região de Campos Novos, a preocupação dos produtores é com o clima chuvoso, que pode facilitar o aparecimento de doenças. Contudo, até o momento a expectativa é de "safra cheia". Na região de Chapecó, foram relatados problemas pontuais pela ação de ventos fortes, que causaram o acamamento de algumas lavouras, mas com possibilidade de recuperação. A avaliação geral nas MRG de Chapecó, Concórdia e Xanxerê é de que as lavouras estão se desenvolvimento sem maiores problemas, com os tratamentos fitossanitários sendo efetuados normalmente. Até o momento não há registro de perdas.

Em Santa Catarina, 100% das lavouras já alcançaram a fase de floração, porém apenas 1,34% das lavouras avançaram para a fase de maturação. Até o momento, é esperada a colheita de cerca de 52,5 mil hectares, número que representa redução de 1% deárea em relação à safra passada. Quanto a produção, deverá ocorrer um significativo incremento, na ordem de 33%, passando dos 128,6 mil toneladas da safra passada para 171,6 mil toneladas do cereal para a safra atual. Em relação ao rendimento médio, a expectativa é de que ocorra um incremento de 35%, passando dos 2.417kg/ha para 3.265kg/ha.

Trigo Grão: SC – Coi	Trigo Grão: SC – Comparativo entre a safra 2017/18 e estimativa para a safra 2018/19												
	Sa	fra 2017/1	8	Estimativ		Variação (%)							
Microrregião	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio				
Campos de Lages	540	1.150	2.130	300	639	2.130	-44	-44	0				
Canoinhas	9.580	27.957	2.918	10.850	37.296	3.437	13	33	18				
Chapecó	14.030	34.722	2.475	11.759	33.185	2.822	-16	-4	14				
Concórdia	915	2.246	2.455	462	1.265	2.738	-50	-44	12				
Curitibanos	7.510	16.002	2.131	7.500	31.500	4.200	0	97	97				
Ituporanga	505	1.054	2.086	810	1.953	2.410	60	85	16				
Joaçaba	3.440	7.512	2.184	3.235	13.359	4.130	-6	78	89				
Rio do Sul	225	485	2.156	190	492	2.589	-16	1	20				
São Bento do Sul	150	357	2.383	230	690	3.000	53	93	26				
São M. do Oeste	2.507	6.511	2.597	3.105	9.475	3.052	24	46	17				
Xanxerê	13.795	30.570	2.216	14.110	41.745	2.959	2	37	34				
Outras <sup>(1)</sup>	20	36	1.800										
Santa Catarina	53.217	128.602	2.417	52.551	171.599	3.265	-1	33	35				

(1)Safra 2017/18: dados da MRG de Blumenau.

Fonte: Epagri/Cepa, setembro/2018).

A primavera chegou com boas perspectivas aos produtores de trigo, que estão prestes a colher mais uma safra. Segundo previsão do Inmet – Instituto Nacional de Meteorologia, no mês de novembro deve predominar a condição de neutralidade climática, ou seja, sem ação do *El Niño* ou *La Niña*. Isso significa dizer que deverão ocorrer chuvas irregulares (chove num lugar e no outro não), mas com possibilidade de veranico (estiagem que ocorre em períodos chuvosos, com dias de muito sol e calor). Para dezembro em diante configura-se um período de ação do fenômeno *El Niño*, com chuvas em maior abundância, mas com boa distribuição das precipitações ao longo do período.



## Hortaliças

## Alho

Jurandi Teodoro Gugel Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa jurandgugel@epagri.sc.gov.br

#### Safra de alho em Santa Catarina está em desenvolvimento e bulbificação

A nova safra de alho em Santa Catarina está no período final de bulbificação e parte em início de maturação. Historicamente, o estado catarinense se mantém como um dos principais produtores brasileiros. Na safra 2017/18 Santa Catarina plantou mais de 2.500 hectares, segundo dados do IBGE. Para a safra 2018/19 estima-se que a área seja até 5% maior.

O crescimento da área plantada, apesar dos resultados econômicos não terem sido bons para os produtores na última safra, deve-se, especialmente, pela disponibilidade de alho semente nas propriedades, em função da dificuldade de comercialização da safra anterior, dentre outros fatores, como a infraestrutura das propriedades, tradição e especialização dos agricultores na produção dessa hortaliça e canais de mercado e comercialização para diversas regiões do Brasil.

Após a ocorrência de baixas precipitações no mês de agosto, afetando, de certa maneira, o desenvolvimento da cultura, as condições climáticas se normalizaram, com chuvas regulares, permitindo bom desenvolvimento da cultura.

Por outro lado, as organizações de representação dos produtores de alho em Santa Catarina estão diagnosticando a situação da cadeia produtiva e as perspectivas da nova safra, em termos de resultados e retorno aos produtores, em função do reflexo dos resultados da última safra, que impactarem o grau de endividamento e, por consequência, a viabilidade da produção em Santa Catarina.

Nesse sentido, a Câmara Técnica do Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural, órgão consultivo da Secretaria de Estado da Agricultura e da Pesca, realizou reuniões para tratar de um conjunto de demandas visando atender e superar alguns gargalos da cadeia produtiva do alho em Santa Catarina. Dentre elas, o setor reclama por maior transparência e planejamento no fornecimento das guias de autorização para a importação por parte da Camex/MDIC, por ajustes e adequação dos valores indenizáveis do PGPAF (Programa de Garantia de Preços da Agricultura Familiar), sendo a cultura do alho é uma atividade de alta densidade econômica por área, os valores possíveis de rebate nos financiamentos precisam ser majorados. Outros aspectos, são a manutenção da taxa *antidumping* para o alho chinês e a Letec (Lista de Exceção da Tarifa Externa Comum) para o alho oriundo dos países fora do Mercosul.

Para equacionar os problemas da cultura, o setor reivindica que o governo federal atue, via mecanismos do MDIC, tanto na autorização de importação como no uso de salvaguardas, para que seja mantido um equilíbrio entre o potencial de consumo da hortaliça no mercado brasileiro, na produção nacional e no volume importado.

Em relação ao mercado, na Tabela 1 apresenta-se um breve histórico comparativo das importações de alho pelo Brasil, de 2016 a setembro de 2018.

Em 2016, foram internalizadas 172,97 mil toneladas, com média mensal de 14,41 mil toneladas. Em 2017, o volume importado foi de 159,20 mil toneladas, média mensal de 13,26 mil toneladas. Comparativamente, houve redução nas importações em cerca de 8%. Em 2018, de janeiro a agosto a média mensal de importação foi de 15,79 mil toneladas, volume superior à média dos dois anos anteriores. Porém, em setembro, com a importação de pouco mais de 8,6 mil toneladas, a média mensal praticamente igualou-se a 2016. Por outro lado, em relação ao ano de 2017 há uma redução de 8,86%.



Tabela 1 - Alho: Brasil - Importações de 2016-18 (mil t)													
Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2016	17,01	16,80	16,73	15,43	14,08	15,92	19,95	15,89	11,87	6,03	9,06	14,20	172,97
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	17,28	18,65	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	-	-	-	131,00

Fonte: Comexstat/MDIC: outubro/2018

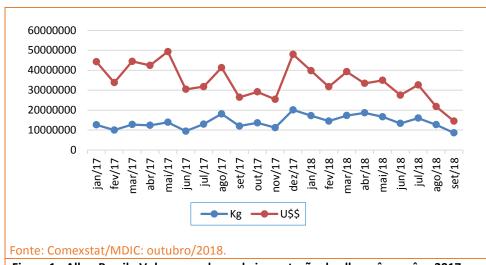
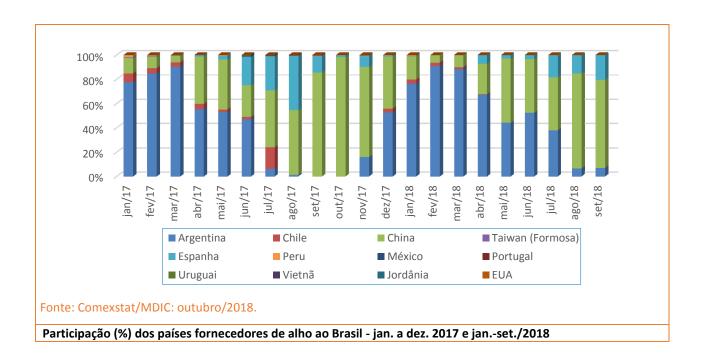


Figura 1 - Alho: Brasil - Volume e valores da importação de alho mês a mês - 2017 e jan.-set./2018

Em relação ao mercado internacional do alho, os preços, reduziram acentuadamente desde junho de 2017. Para exemplificar, de janeiro a junho de 2017 o preço FOB do alho importado pelo Brasil ficou entre US\$2,20 e US\$2,54/Kg. A partir de julho/17 passou para US\$1,44/kg, com quedas constantes, atingindo US\$0,67/Kg em setembro de 2018, seu valor mais baixo

para o período. Seguramente esses preços inibem a competitividade da produção brasileira.

Na figura abaixo, apresenta-se os países fornecedores de alho ao Brasil. No mês de setembro de 2018, o principal fornecedor foi a China, com 6,24 mil toneladas, perfazendo 72,42% do total do alho importado no período, seguido pela Espanha, com 1,77 mil toneladas, atingindo 20,55%, e a Argentina, com 0,6 mil toneladas, equivalendo a 6,97% do total importado.





## Cebola

Jurandi Teodoro Gugel Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa jurandgugel@epagri.sc.gov.br

A nova safra de cebola encontra-se em pleno desenvolvimento vegetativo. As variedades precoces estão em fase adiantada de bulbificação, especialmente na região do Alto Vale do Itajaí.

Nas demais regiões, onde o plantio é mais tardio, como nas regiões de Joaçaba, Lebon Régis e Serra Catarinense, com o plantio encerrado no final do mês de agosto, as lavouras estão no período de desenvolvimento vegetativo mais inicial.

As condições climáticas para o desenvolvimento da cultura em Santa Catarina, após a superação dos problemas ocorridos pela falta de chuvas no mês de agosto, são normais, com alguns períodos de chuva mais prolongados. A alta umidade e temperatura estabelecem condições ideais para o desenvolvimento de algumas doenças fúngicas, especialmente o míldio. Segundo levantamento de campo da Epagri/Cepa, estima-se uma perda por doenças na ordem de 5% na produção de cebola no Alto Vale do Itajaí, especialmente nas variedades precoces.

De qualquer forma, as expectativas em relação à safra em desenvolvimento continuam sendo positivas, considerando que o clima apresenta chuvas regulares e os produtores realizaram bons investimentos em tecnologias, influenciados pelos resultados econômicos da safra anterior.

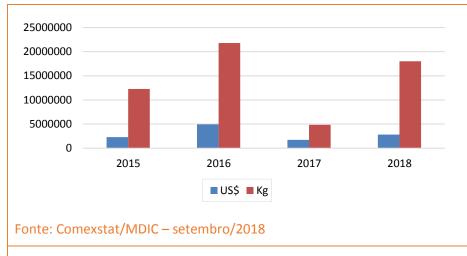
Em relação ao mercado brasileiro, o mês de setembro foi de alta oferta de cebola, fazendo com que o preço em geral tenha se mantido baixo.

Nas principais regiões produtoras da hortaliça no período, como o Sudeste, municípios de São José do Rio Pardo e Monte Alto (SP), e também Santa Juliana (MG) e Cristalina (GO), a grande oferta provocou expressiva baixa nos preços ao produtor. O Vale do São Francisco, embora com oferta não tão elevada, também contribuiu para que o mercado permanecesse bastante ofertado no mês, tendo, como consequência, baixos preços ao produtor. O mês de setembro foi marcado por preços que variaram de R\$ 0,20/kg a R\$ 0,22/kg pago ao produtor nas principais regiões em colheita. Ressalta-se que os preços pagos estão abaixo do custo de produção.

Em função da alta oferta, os produtores de algumas regiões continuaram com a estratégia, até o limite possível, de segurar os bulbos na lavoura na tentativa de provocar alguma reação no mercado. Porém, esta ação não resultou no efeito esperado em função da grande oferta da hortaliça e das perdas pela queda na qualidade dos bulbos.

Outro componente da estratégia continuou sendo a busca de mercado através da exportação. Nesse sentido, alguns volumes foram comercializados para o Paraguai, Argentina e Uruguai, basicamente em embalagem "saquinho" de 18 kg, conforme pode ser visto na figura a seguir.





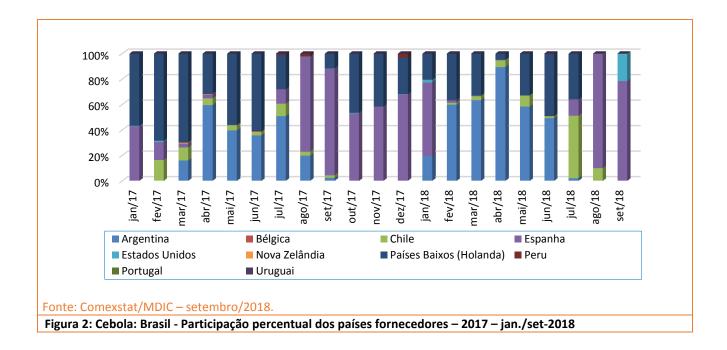
volume exportado janeiro a setembro se 2018 foi um pouco maior que 18 toneladas, sendo Paraguai principal 11.726,4 comprador, com toneladas de cebola brasileira. seguido pela Argentina, que importou 6.236,7 toneladas.

Na Central de Abastecimento Ceasa/SC, unidade de São José – SC, o preço da cebola iniciou o mês de setembro

Figura1 - Cebola; Brasil – Evolução das exportações de 2015 a setembro de 2018

com preço médio no atacado a R\$1,00/kg, baixando para R\$0,90/kg no final do mês. Em relação ao mês de agosto, a redução de preços foi de 18,69% no início de mês e de 26,82% no final de setembro, reflexo da grande oferta da hortaliça no mercado nacional.

Na Ceagesp – principal central nacional de abastecimento, a cebola finalizou o mês de setembro com preço de R\$1,03/Kg (caixa 3). Na primeira semana de outubro, os preços baixaram mais um pouco. No dia 06/10/18 a cebola média (caixa 3) foi comercializada a R\$1,01/Kg.

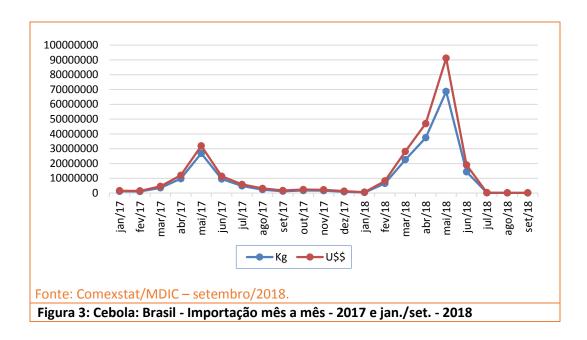


Quanto à importação, no mês de setembro o Brasil recebeu cebola dos EUA e Espanha. O volume total internalizado, segundo o MDIC, foi de 115,5 toneladas (Figura 2).

Em termos de valores financeiros, o dispêndio foi de apenas U\$ 69.907, preço FOB, com custo médio de U\$ 0,60/kg, valor 15,38% superior ao praticado no mês anterior, que foi de U\$ 0,52/kg.



Observa-se que, a partir de maio deste ano, houve grande redução nas importações de cebola pelo Brasil, tendência mantida no mês de setembro, assemelhando-se ao comportamento do segundo semestre de 2017 (Figura 3).





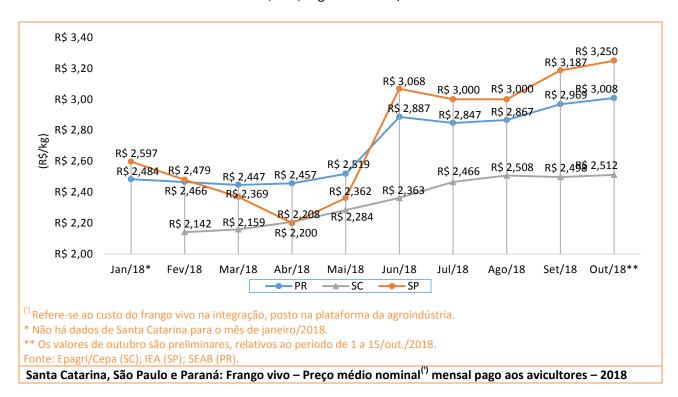
## Pecuária

## **Avicultura**

Alexandre Luís Giehl Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

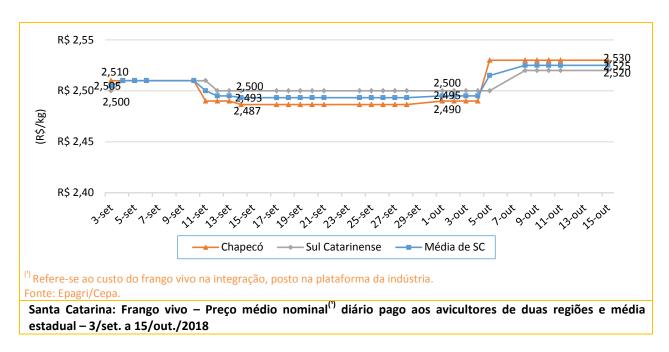
Diferentemente do que ocorreu ao longo dos três meses anteriores, em outubro os preços do frango vivo apresentam comportamento semelhante em todos os estados analisados no Boletim Agropecuário. Na primeira quinzena de outubro registra-se alta de 1,98% em São Paulo, em comparação com a média do mês anterior. O Paraná registrou o segundo maior aumento, com 1,33%. Em Santa Catarina, a variação no preço médio estadual, até o momento, é de 0,58%, retomando o movimento de alta interrompido em setembro.

Na comparação entre os valores atuais e aqueles praticados em outubro de 2017, a variação é fortemente positiva nos três estados: 23,93% em São Paulo, 22,65% no Paraná e 21,12% em Santa Catarina. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 4,53%, segundo o IPCA/IBGE.

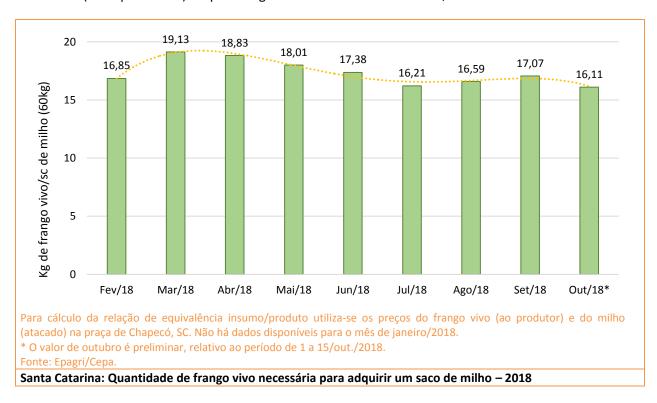


Nas duas praças acompanhadas em Santa Catarina, os preços do frango vivo apresentaram comportamentos semelhantes ao longo das últimas seis semanas, com queda no início de setembro e recuperação na primeira semana de outubro. Em Chapecó, comparando-se a média de setembro com a média preliminar de outubro, a variação é de 0,96%. No Sul Catarinense, a variação entre os dois períodos é de apenas 0,29%. Com isso, a média estadual de outubro (preliminar) é 0,58% superior à de setembro.





Após dois meses de alta, a relação de equivalência insumo/produto voltou a apresentar variação negativa em outubro (valor preliminar). A queda registrada até o momento é de 5,62%.



Essa oscilação negativa é decorrente do aumento no preço do frango vivo (0,96%) e da queda no preço do milho no atacado (-4,71%). Com essa variação, pela primeira vez no ano o índice de equivalência ficou abaixo do valor registrado no mesmo mês de 2017 (-0,32%).

Conforme o 1º Levantamento de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2018/2019, que apresenta as estimativas iniciais da Conab, na safra 2018/2019 devem ser colhidas entre 89,73 milhões e 91,08 milhões de toneladas, aumento de 11,1% a 12,7% em relação à anterior

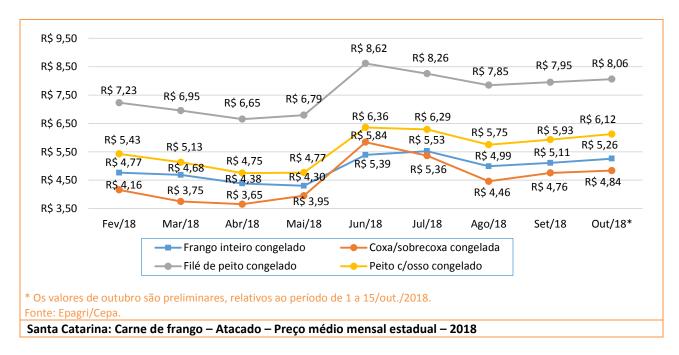
A estimativa inicial da Epagri/Cepa apresenta perspectiva de crescimento de 5,45% na área plantada com



milho para a produção de grãos em Santa Catarina na safra 2018/2019, devendo se alcançar 340,3 mil ha (324,1 mil ha na 1ª safra e 16,2 mil ha na 2ª safra). Em termos de produção, a safra deve atingir 2,78 milhões de toneladas, aumento de 7,92% na comparação com a anterior.

Caso se confirmem as projeções iniciais da Conab e da Epagri/Cepa com relação à próxima safra de milho , o ano 2019 deve ser mais favorável para o setor de proteína animal, ao menos no que diz respeito à oferta de matéria prima para rações e aos custos relacionados à alimentação animal.

No mercado atacadista, segue a tendência de alta iniciada no mês passado. Em outubro, registram-se aumentos nos preços preliminares de todos os cortes acompanhados pela Epagri/Cepa: peito com osso congelado (3,28%), frango inteiro congelado (2,95%), coxa/sobrecoxa congelada (1,71%) e filé de peito congelado (1,37%). A variação média dos quatro cortes é de 2,33%.

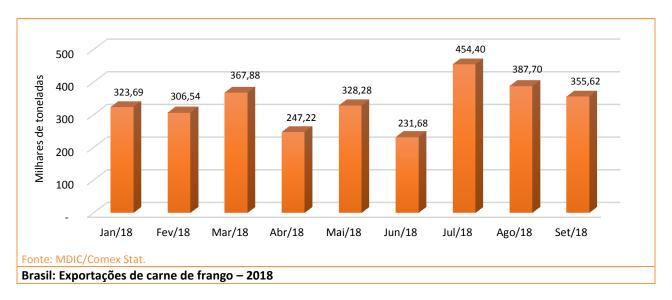


Segundo nota do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq/USP), a alta no preço da carne de frango observada no mês de setembro foi decorrente do aumento da demanda interna e externa. Contudo, vale lembrar que no Boletim Agropecuário nº 64 já havia sido divulgada informação de que as agroindústrias de carnes suína e de frango pretendiam elevar os preços de seus produtos em aproximadamente 15%, repassando ao consumidor final a alta nos custos do setor acumulada ao longo deste ano. Isso indica a provável sequência da tendência de elevação dos preços nos próximos meses, até que se atinja os percentuais demandados pelas agroindústrias.

Em relatório divulgado no final de setembro, o Rabobank aponta a perspectiva de continuidade do cenário de excesso de oferta de carne de frango no mercado brasileiro, mesmo com a queda de 2% na produção estimada pela entidade. Ainda de acordo com o Rabobank, a reversão desse quadro somente seria possível com uma significativa melhora das exportações nos últimos meses do ano.

Contudo, no mês passado registrou-se nova queda na exportação de carne de frango do Brasil, embora o montante ainda esteja acima da média mensal deste ano. De acordo com o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em setembro o país exportou 355,62 mil toneladas de carne de frango (*in natura* e industrializada), queda de 8,28% em relação ao mês anterior e de 6,34% na comparação com setembro de 2017.





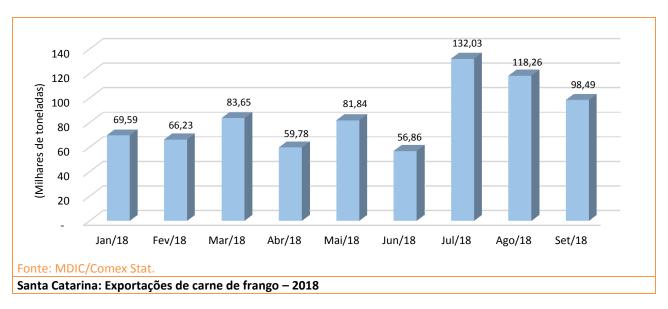
As receitas de setembro também apresentaram desempenho negativo: US\$572,50 milhões, queda de 8,05% em relação ao mês anterior e de 9,14% na comparação com setembro de 2017.

Os principais destinos das exportações de carne de frango brasileira no mês passado foram a Arábia Saudita, China, Japão, Países Baixos e Emirados Árabes Unidos. Juntos, responsáveis por 49,05% das receitas no período.

As receitas acumuladas de janeiro a setembro somam US\$ 4,76 bilhões, queda de 12,71% em relação ao mesmo período de 2017. No que diz respeito ao volume, nos três primeiros trimestres do ano foram exportadas 3,00 milhões de toneladas, queda de 7,35% em relação ao ano anterior.

De acordo com os dados do MDIC, nas duas primeiras semanas de outubro (9 dias úteis) observa-se pequeno aumento na média diária de embarques de carne de frango *in natura* em relação a setembro: 1,33% em valor e 4,07% em quantidade. Da mesma forma, na comparação com outubro de 2017 também se verificam variações positivas nas médias diárias: 3,43% em valor e 15,04% em quantidade.

Santa Catarina também registrou queda nas exportações de setembro, quando comparadas ao mês anterior: foram embarcadas 98,49 mil toneladas, 16,72% a menos que em agosto. Apesar da variação negativa, esse montante ainda é superior à média mensal deste ano, que é de 85,19 mil toneladas. Na comparação com setembro de 2017, por sua vez, registra-se resultado positivo: aumento de 10,08%.





Nas receitas também foram registradas quedas em setembro: US\$ 165,03 milhões, -16,92% em relação ao mês anterior e -2,07% na comparação com setembro de 2017.

Os cinco principais destinos da carne de frango catarinense foram responsáveis por 50,60% do valor das exportações do estado no mês passado, conforme apresentado na tabela a seguir.

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)	
Japão	21.816.700,00	11.450	
Países Baixos (Holanda)	18.978.846,00	6.787	
China	18.038.881,00	10.999	
Arábia Saudita	16.276.571,00	10.294	
Emirados Árabes Unidos	8.385.448,00	5.028	
Demais países	81.531.533,00	53.930	
Total	165.027.979,00	98.488	

Os principais responsáveis pelos resultados negativos de setembro foram as quedas nas exportações para Japão (-32,75% em valor e -27,15% em quantidade, quando comparado com setembro de 2017), Emirados Árabes Unidos (-21,63% em valor e -10,01% em quantidade) e Reino Unido (-37,52% em valor e -38,79% em quantidade).

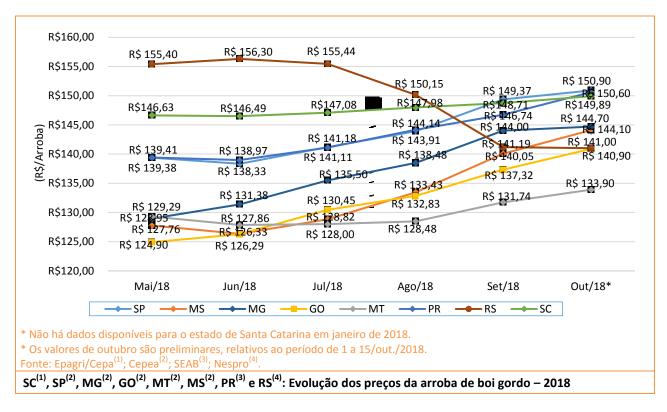
As receitas acumuladas nos três primeiros trimestres do ano com as exportações catarinenses de carne de frango foram de US\$1,29 bilhão, queda de 5,76% em relação ao mesmo período de 2017. Quanto à quantidade, foram exportadas 766,72 mil toneladas no período, crescimento de 3,33% na comparação com o ano anterior.



## Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Mais uma vez, o que se observa é o predomínio dos movimentos de alta nos preços do boi gordo. Dos oito estados analisados no Boletim Agropecuário, sete apresentam variação positiva na comparação entre os preços preliminares de outubro e a média de setembro: Mato Grosso do Sul (2,89%), Paraná (2,63%), Goiás (2,61%), Mato Grosso (1,64%), São Paulo (1,03%), Santa Catarina (0,79%) e Minas Gerais (0,49%). Assim como vem acontecendo desde julho, o Rio Grande do Sul é o único estado que registra variação negativa nesta prévia de outubro (-0,13%).



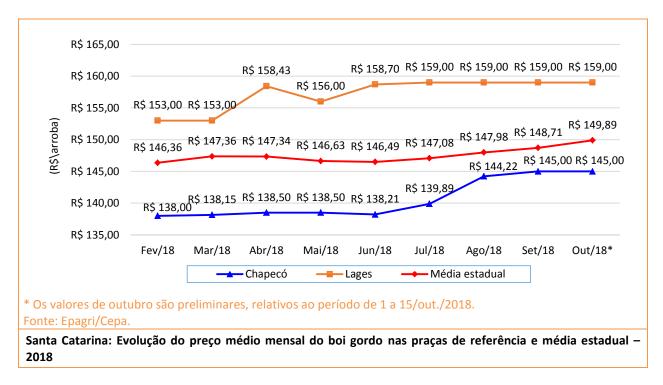
Com os movimentos de alta dos últimos meses, os preços atuais encontram-se acima daqueles praticados há um ano em todos os estados analisados (inclusive no Rio Grande do Sul): Mato Grosso do Sul (9,17%), Paraná (8,27%), São Paulo (7,98%), Goiás (7,43%), Minas Gerais (6,44%), Mato Grosso (4,08%), Rio Grande do Sul (2,78%) e Santa Catarina (1,79%). Vale lembrar que a comparação anterior é feita com base nos preços nominais, sem que se compute as perdas decorrentes da inflação. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 4,53%, segundo o IPCA/IBGE.

Apesar da alta na média estadual, nas duas praças de referência para o boi gordo em Santa Catarina (Chapecó e Lages<sup>5</sup>), os preços preliminares de outubro mantiveram-se inalterados em relação ao mês anterior. Na comparação com outubro do ano passado, verificam-se altas acima da inflação acumulada no

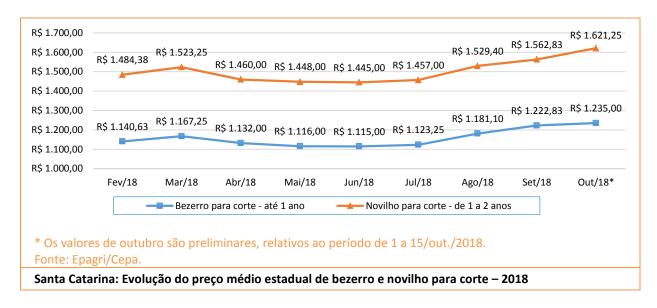
<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> A partir da edição nº 61 do Boletim Agropecuário as praças de referência para a bovinocultura passaram a ser Chapecó e Lages (esta última em substituição a Rio do Sul). Essas duas praças representam as mesorregiões catarinenses mais importantes na produção de bovinos para abate: Oeste Catarinense (48,1% do total de animais produzidos em 2017) e Serrana (14,3%). Os preços referentes à praça de Rio do Sul continuarão a ser coletados e divulgados na página eletrônica do Cepa.



período na praça de Chapecó (4,69%) e um pouco abaixo em Lages (3,96%). A média estadual, elaborada a partir dos preços de oito praças distintas, novamente apresenta movimento de alta neste mês, assim como vem ocorrendo desde julho, com variação de 0,79% em relação a setembro.

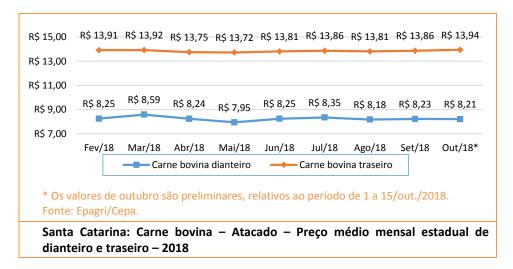


O mercado de animais de reposição segue registrando altas em ambas as categorias. O preço preliminar de outubro dos bezerros até 1 ano apresenta aumento de 0,99%, na comparação com o mês anterior. Nos novilhos de 1 a 2 anos, por sua vez, observa-se variação mais significativa: 3,74%.



O mercado atacadista também se mantém relativamente estável, com pequenas variações em todos os cortes analisados.



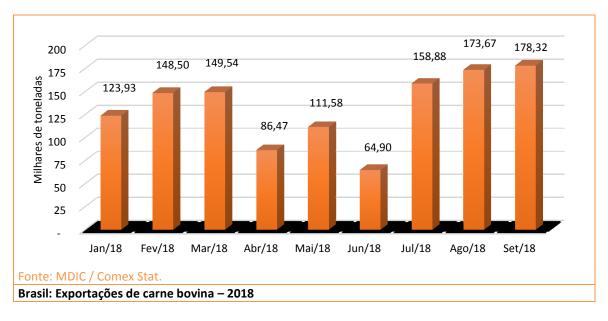


Conforme levantamento da Epagri/Cepa, o preço médio preliminar de outubro da carne de traseiro é 0,56% superior ao mês anterior. O preço atual está 2,19% acima daquele praticado em outubro de 2017.

A carne de dianteiro, por sua vez, apresenta pequena queda de 0,16% em relação a setembro. Quando se compara o

preço atual com o de outubro do ano passado, a defasagem em valores nominais atinge 4,90%.

Pelo terceiro mês consecutivo as exportações brasileiras de carne bovina apresentaram crescimento, atingindo o maior montante mensal já exportado pelo país. De acordo com o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em setembro foram exportadas 178,32 mil toneladas de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), aumento de 2,68% em relação ao mês anterior e de 31,84% quando comparado com setembro de 2017.



Diferentemente da quantidade, as receitas apresentaram uma pequena redução em setembro. As exportações desse período geraram US\$ 698,01 milhões em divisas, queda de 0,31% em relação ao mês anterior. Contudo, quando se compara esse resultado com setembro de 2017, verifica-se aumento de 25,93%.

No acumulado do ano, foram exportadas 1,20 milhão de toneladas, aumento de 12,86% em relação ao mesmo período de 2017. As receitas dos três primeiros trimestres somam US\$ 4,91 bilhões, 13,64% acima do ano anterior.

Os cinco principais destinos externos da carne bovina brasileira responderam por 65,35% das receitas das exportações de setembro. A China novamente destaca-se pelo significativo crescimento das compras de carne brasileira: aumento de 116,56% em termos de valor e de 109,01% em quantidade, quando



comparado com o mesmo mês do ano passado. Também contribuíram significativamente para o resultado de setembro as exportações para Hong Kong (crescimento de 12,29% em valor e de 20,95% em quantidade) para o Chile (81,13% em valor e 86,89% em quantidade).

Brasil: Principais destinos das exportações de carne bovina – Setembro/2018				
País	Valor (US\$)	Quantidade (t)		
China	168.173.098,00	36.467		
Hong Kong	139.854.637,00	39.656		
Egito	62.217.775,00	21.339		
Chile	37.565.164,00	9.146		
Irã	37.080.095,00	9.932		
Demais países	253.114.977,00	61.779		
Total	698.005.746,00	178.319		
Fonte: MDIC/Comex Stat.	,	1		

Os dados do MDIC referente às duas primeiras semanas de outubro (9 dias úteis) registram queda na média diária de embarques de carne bovina *in natura* em relação a setembro: -9,59% em valor e -9,07% em quantidade. Na comparação com outubro de 2017, no entanto, os resultados são positivos: aumento de 18,76% em valor e 27,67% em quantidade.

As exportações catarinenses de carne bovina seguem a tendência nacional, com crescimentos bastante expressivos nos últimos meses. Em setembro foram embarcadas 614,02 toneladas, maior volume exportado desde setembro de 2009. Esse montante representa uma ampliação de 32,12% em relação ao mês anterior e de 195,24% na comparação com setembro de 2017. As receitas foram de US\$ 1,89 milhão.

Ao longo dos três primeiros trimestres, Santa Catarina exportou 3,60 mil toneladas de carne bovina, com receitas de US\$ 11,46 milhões, aumento de 187,56% em valor e 196,22% em quantidade, quando comparado ao mesmo período do ano anterior.

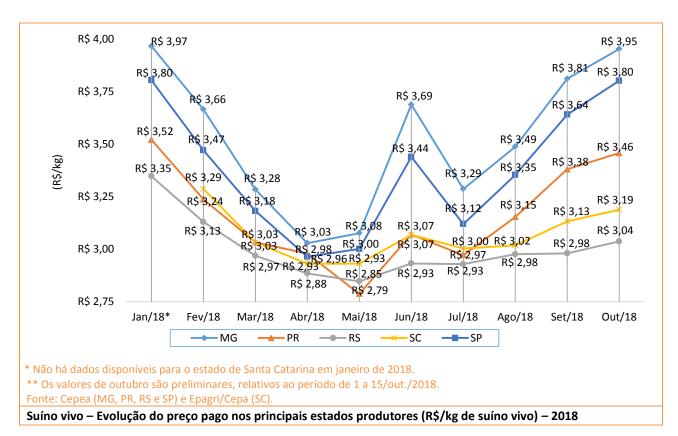


## Suinocultura

Alexandre Luís Giehl Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

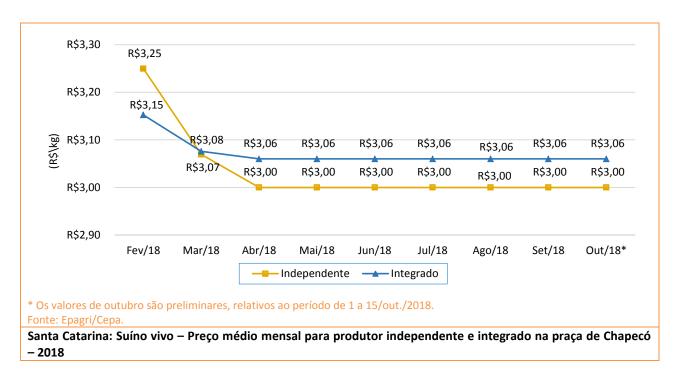
Em outubro, os preços preliminares do suíno vivo explicitam a continuidade do movimento de alta ocorrido nos dois meses anteriores. Todos os cinco estados analisados registram variação positiva em relação a setembro: São Paulo (4,43%), Minas Gerais (3,73%), Paraná (2,27%), Rio Grande do Sul (1,90%) e Santa Catarina (1,77%).

Contudo, quando se comparam os preços atuais com aqueles praticados em outubro de 2017, os resultados ainda são negativos em todos os estados: -11,01% no Rio Grande do Sul, -9,68% em Santa Catarina, -7,00% no Paraná, -6,93% em São Paulo e -4,32% em Minas Gerais. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 4,53%, segundo o IPCA/IBGE.

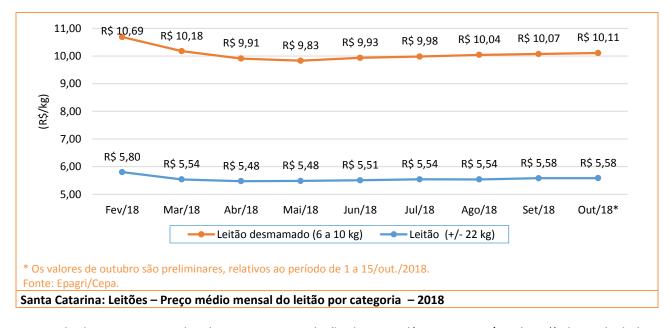


Em Chapecó, praça de referência para o suíno vivo, não houve alterações em relação aos preços do mês anterior para nenhuma das categorias de produtor. Em relação a outubro de 2017, os preço atuais seguem com defasagens de -10,45% para os produtores independentes e -7,83% para os integrados.



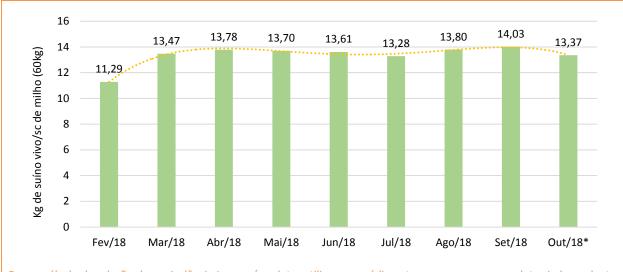


Seguindo a tendência de crescimento no preço médio estadual do suíno vivo, os preços dos leitões mais uma vez registram alta, embora novamente em percentuais pequenos. Em outubro, os preços preliminares dos leitões de 6 a 10kg estão 0,34% acima do que foi observado em setembro, enquanto os leitões com +/-22kg oscilaram apenas 0,03%. Na comparação com outubro de 2017, os preços atuais ainda estão defasados: -8,47% para leitões de 6 a 10kg e -8,05% para leitões de +/-22kg.



Depois de dois meses seguidos de aumentos, a relação de equivalência insumo/produto (índice calculado a partir dos preços do suíno vivo e do milho no atacado, ambos para a região de Chapecó) volta a registrar queda, dessa vez de -4,71%. Essa variação é decorrente exclusivamente da redução no preço da saca de milho (-4,71%), já que o preço do suíno vivo se manteve inalterado naquela praça. A atual relação de equivalência está 32,73% abaixo daquela registrada em outubro de 2017.





Para o cálculo da relação de equivalência insumo/produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro.

\* O valor de outubro é preliminar, relativo ao período de 1 a 15/out./2018. Fonte: Epagri/Cepa.

Chapecó/SC: Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir um saco de milho (60kg) - 2018

Conforme o 1º Levantamento de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2018/2019, que apresenta as estimativas iniciais da Conab, na safra que se inicia devem ser colhidas entre 89,73 milhões e 91,08 milhões de toneladas, aumento de 11,1% a 12,7% em relação à anterior

A estimativa inicial da Epagri/Cepa apresenta perspectiva de crescimento de 5,45% na área plantada com milho para a produção de grãos em Santa Catarina na safra 2018/2019, devendo se alcançar 340,3 mil ha (324,1 mil ha na 1ª safra e 16,2 mil ha na 2ª safra). Em termos de produção, a safra deve atingir 2,78 milhões de toneladas, aumento de 7,92% em relação à anterior.

Caso essas projeções iniciais da Conab e da Epagri/Cepa se confirmem, o próximo ano deve possibilitar redução nos custos de produção e melhoria das margens de lucratividade do setor de proteína animal.

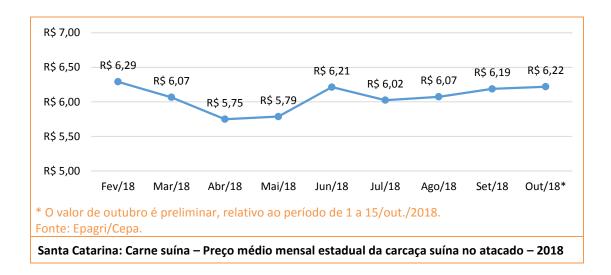
No mercado atacadista, os preços dos cortes suínos na primeira quinzena de outubro demonstram a predominância de movimento de alta, diferentemente dos dois meses anteriores, quando predominou a tendência de queda. Dos cinco cortes acompanhados pela Epagri/Cepa, quatro apresentam variação positiva na comparação com o mês anterior: pernil (1,50%), costela (1,12%), lombo (1,04%) e carcaça suína (0,50%). Somente o carré segue no movimento de queda (-0,99%).

Santa Catarina: Carne suína – Preço médio estadual no atacado – 2018					
Produto	Agosto/18	Setembro/18	Outubro/18*		
Carré (sem couro)	7,75	7,69	7,61		
Costela (sem couro)	11,58	11,39	11,51		
Lombo	10,80	10,70	10,81		
Carcaça	6,07	6,19	6,22		
Pernil (com osso e couro)	6,89	6,91	7,02		

<sup>\*</sup> Os valores de outubro são preliminares, relativos ao período de 1 a 15/out./2018. Fonte: Epagri/Cepa.

O gráfico seguinte apresenta a evolução do preço médio estadual no atacado da carcaça suína durante o ano de 2018.

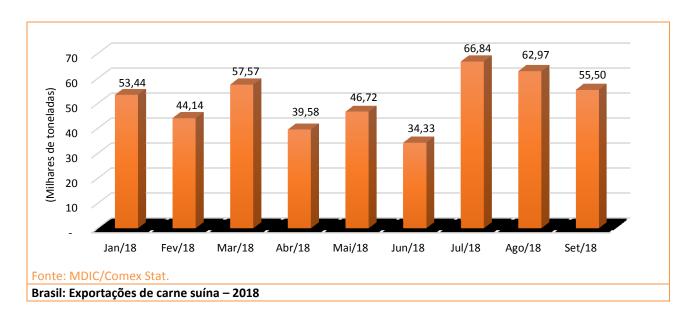




Vale lembrar que no Boletim Agropecuário nº 64 já havia sido mencionado que as agroindústrias de carnes suína e de frango pretendiam elevar os preços de seus produtos em aproximadamente 15%, repassando ao consumidor final a alta nos custos do setor acumulada ao longo deste ano. Isso indica que é provável que a tendência de aumento se mantenha nos próximos meses, até que se atinja os percentuais demandados pelas agroindústrias. Há que se considerar, é claro, que flutuações na demanda podem acelerar ou retardar esse processo.

Em relação à demanda, cabe destacar que, no final de setembro, a Associação Brasileira de Criadores de Suínos (ABCS) divulgou os resultados de uma pesquisa encomendada pela entidade, em parceria com o Sebrae. Segundo o estudo, em 75,8% dos lares brasileiros se consome carne suína. Embora o resultado indique uma presença significativa, a ABCS acredita que ainda há muito espaço para ampliar a inserção desse produto, já que a carne de frango, por exemplo, está presente em 97,7% dos lares.

Em setembro, registrou-se nova queda na quantidade de carne suína exportada pelo Brasil. Segundo o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), no mês passado foram embarcadas 55,50 mil toneladas de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), o que representa queda de 11,85% em relação ao mês anterior e de 7,61% na comparação com setembro de 2017. Apesar dos resultados negativos, esse volume ainda é superior à média mensal deste ano, que é de 51,32 mil toneladas.





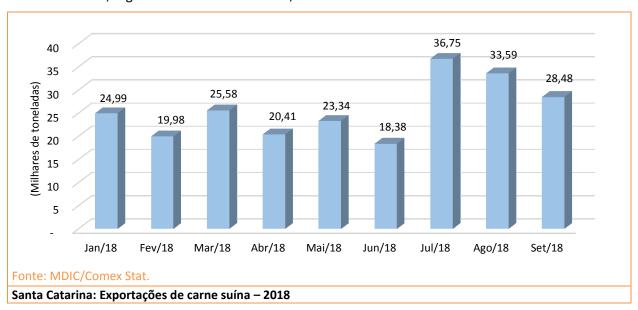
As receitas de setembro também apresentaram desempenho negativo: US\$ 93,65 milhões, queda de 14,55% em relação ao mês anterior e de 32,54% na comparação com setembro de 2017.

No acumulado de janeiro a setembro, as receitas somam US\$ 876,14 milhões, queda de 29,18% em relação ao mesmo período de 2017. A quantidade exportada nos três primeiros trimestres foi de 461,10 mil toneladas, queda de 11,42% na comparação com o ano anterior.

Os cinco principais destinos externos da carne suína brasileira em setembro foram, nessa ordem, China, Hong Kong, Cingapura, Argentina e Chile, que juntos responderam por 71,05% das receitas com esse produto. No mês passado, as exportações para a China foram de 14,95 mil toneladas, crescimento de 361,19% em relação a setembro de 2017, o que compensou parcialmente a queda decorrente do embargo russo. Contudo, vale mencionar que em setembro do ano passado foram embarcadas 24,60 mil toneladas para a Rússia.

Segundo relatório divulgado pelo MDIC referente às duas primeiras semanas de outubro (9 dias úteis), registra-se aumento na média diária de embarques de carne suína *in natura* na comparação com setembro: 13,02% em valor e 13,14% em quantidade. Na comparação com outubro de 2017, por sua vez, também se verifica aumento de 22,76% na quantidade embarcada diariamente, mas queda de 12,52% no valor.

As exportações catarinenses seguiram o movimento nacional e também registraram queda em setembro. Foram embarcadas 28,48 mil toneladas, 15,23% a menos que em agosto. Por outro lado, em relação a setembro de 2017, registra-se crescimento de 29,53%.



As receitas foram de US\$49,16 milhões, queda de 16,77% em relação ao mês anterior, mas crescimento de 0,52% quando comparadas a setembro de 2017.

Santa Catarina foi responsável por 51,31% do total de carne suína exportada pelo Brasil no último mês, respondendo por 52,49% das receitas.

No decorrer dos três primeiros trimestres, Santa Catarina exportou 231,51 mil toneladas de carne suína, crescimento de 8,73% em relação ao mesmo período do ano passado. As receitas de janeiro a setembro somam US\$439,53 milhões, 12,14% abaixo do valor registrado em igual período de 2017.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses em junho responderam por 70,94% das receitas e 68,06% da quantidade.



País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	17.159.039,00	9.704
Hong Kong	6.859.021,00	4.082
Chile	4.511.326,00	2.396
Argentina	3.588.766,00	1.839
Cingapura	2.751.915,00	1.362
Outros países	14.287.422,00	9.095
Total	49.157.489,00	28.478

Quase todos os destinos externos da carne suína catarinense registraram variação positiva em termos de quantidade, quando se compara setembro com o mesmo mês de 2017. Dentre os 20 principais destinos, a única exceção é o Japão, com redução de 0,72% no montante destinado àquele país. Os destaques positivos ficam por conta da China (maior importador, com aumento de 248,69% na quantidade), Estados Unidos (7º principal destino em setembro, com 210,96%), África do Sul (13º principal destino, com 423,74%) e Albânia (16º destino, com 3.666,95%), além das Filipinas (que não haviam importado nada em setembro de 2017 e agora foi responsável por 1.205 toneladas).

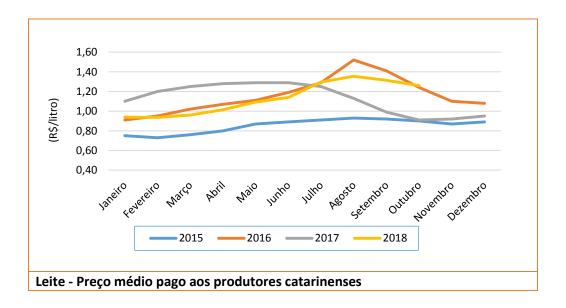
No início de outubro, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) confirmou a ocorrência de um foco de peste suína clássica (PSC) em uma propriedade rural do município de Forquilha, no Ceará. Não obstante a preocupação decorrente desse fato, o Mapa destacou que o foco está fora da zona livre de PSC reconhecida pela Organização Mundial de Saúde Animal. Ainda segundo o Ministério, o foco está a mais de 500 km da divisa com a zona livre, não afetando a manutenção desse status e, tampouco, interferindo nas exportações dos principais estados produtores.



## Leite

Tabajara Marcondes Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa tabajara@epagri.sc.gov.br

Nos últimos meses de 2017 e primeiros meses de 2018 os preços pagos aos produtores de leite estiveram em patamares bastante baixos, com variação bem discreta ao longo dos meses. Pelos levantamentos da Epagri/Cepa, entre outubro/2017 e março/2018 o preço nominal aos produtores catarinenses variou apenas cinco centavos, passando de R\$0,91/litro para R\$0,96/litro. A partir de abril, o quadro mudou, com elevações bem significativas. O pico de preço se deu em agosto, cujo valor médio recebido pelos produtores catarinenses só ficou abaixo do de agosto e setembro de 2016, que são os maiores valores de toda série histórica da Epagri/Cepa.



Em setembro e outubro houve queda no preço aos produtores, o que tem sido explicado, principalmente, pela recuperação da oferta interna. Considerando os dados do Cepea<sup>6</sup>, não há dúvida sobre o crescimento da oferta. No acumulado de janeiro a agosto de 2018, a captação de leite foi 5,1% maior do que a do mesmo período de 2017, e o índice de agosto de 2018 é o maior do ano, e pouca coisa menor que o recorde de setembro de 2017.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> O ICAP-L/Cepea objetiva registrar as variações nos volumes de leite captados nos estados da amostra. A pesquisa abrange os estados do RS, PR, SP, MG, GO, BA e SC. Este índice é elaborado mensalmente, com base em amostragem, comparando-se os volumes diários captados em cada estado. Em seguida, é calculada a média nacional. O peso mensal de cada estado é definido com base em informações do IBGE quanto ao volume produzido em cada unidade da federação. Esses estados representam cerca de 85% da produção leitera nacional.



Mês/período	2016	2017	2018¹	Variação %	
	2016			2016-17	2017-18
Janeiro	185,67	181,58	202,22	-2,2	11,4
Fevereiro	177,17	176,00	199,75	-0,7	13,5
Março	164,15	170,66	185,33	4,0	8,6
Abril	158,59	168,79	182,62	6,4	8,2
Maio	156,01	170,07	156,38	9,0	-8,0
Junho	158,23	181,65	183,86	14,8	1,2
Julho	166,19	189,67	195,35	14,1	3,0
Agosto	176,49	199,01	204,83	12,8	2,9
Total Jan./Ago.	1.342,50	1.437,43	1.510,34	7,1	5,1
Setembro	187,50	207,18		10,5	
Outubro	187,65	203,53		8,5	
Novembro	188,73	206,23		9,3	
Dezembro	188,54	206,71		9,6	
Total anual	2.094,92	2.261,08		7,9	

<sup>(1)</sup> A partir de março o índice foi calculado pela Epagri/Cepa com base na variação % mensal apresentada pelo Cepea.

Fonte: CEPEA (Base 100 = junho/2004).

Isto, entretanto, não tem fechado com os números do IBGE. Pelo menos é assim na comparação dos números relativos ao primeiro semestre de 2018: segundo o Cepea, a captação de leite teria aumentado 5,9%; segundo o IBGE, a quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas no Brasil decresceu 0,3%. A diferença é muito significativa para ser explicada apenas por aspectos metodológicos.

Neste mês de outubro, a Epagri/Cepa publicou<sup>7</sup> um Boletim Agropecuário especial, com alguns dados do Censo Agropecuário 2017, onde, entre outras coisas, se aborda algumas diferenças nas estatísticas da agropecuária brasileira. No caso da atividade leiteria, fica evidente que o problema não se resume aos dados de fontes diferentes, vale, também, na comparação de pesquisas só do IBGE. Neste sentido, destacase que o problema permanece nos dados da Pesquisa Pecuária Municipal (PPM) 2017, recentemente divulgada pelo IBGE. Como exemplo cita-se que a PPM 2017 aponta a Região Sul como principal produtora do país (a exemplo da PPM 2016), enquanto o Censo 2017 indica a Região Sudeste como maior produtora, com produção de quase 1 bilhão de litros acima da Região Sul.

Leite - Comparativo/diferença dos dados do Censo 2017 para PPM 2016 e 2017						
Região	Bilhão de l			Participação %		
	PPM 2016	PPM 2017	Censo 2017	PPM 2016	PPM 2017	Censo 2017
Sudeste	11,560	11,449	11,261	34,3	34,2	37,4
Sul	12,454	11,970	10,266	37,0	35,7	34,1
Centro-Oeste	3,972	3,989	3,832	11,8	11,9	12,7
Nordeste	3,794	3,896	2,980	11,3	11,6	9,9
Norte	1,876	2,187	1,775	5,6	6,5	5,9
Brasil	33,656	33,491	30,114	100	100	100

2017 – Dados do período/ano de referência: 1/10/2016 a 30/09/2017. Fonte: IBGE - Pesquisa da Pecuária Municipal (PPM) e Censo Agropecuário.

http://docweb.epagri.sc.gov.br/website cepa/Boletim agropecuario/boletim agropecuario edicao especial Censo 2017.pdf

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Consultar em:



Isso mostra que a iniciativa de tomar o Censo como base para aprimorar os números das pesquisas sistemáticas do IBGE, particularmente os da PPM, permanece como uma tarefa pendente para grande parte dos municípios/estados, o que se espera seja feita pelo menos nos dados relativos ao ano de 2018. Isto resultará em informações mais fidedignas, e contribuirá para amenizar algumas das absurdas diferenças de números nas pesquisas setoriais.

Independentemente disso, e voltando à relação entre a oferta interna e os preços pagos aos produtores, parece evidente que, mesmo com crescimento sensível do recebimento de leite em alguns estados, até o momento o crescimento da oferta em âmbito nacional não vinha sendo muito significativo. Caso contrário, os preços aos produtores teriam decrescido mais do que se observou em setembro e outubro<sup>8</sup>, gerando a perspectiva de que nos próximos meses dificilmente se repetirão os baixos valores do final de 2017 e início de 2018.

-

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> Por enquanto a Epagri/Cepa só tem preços parciais, com queda que variam de 3 a 5 centavos por litro.